



ANTES DE
AMARRAR
SATANÁS...

Elben M. Lenz César

ANTES DE AMARRAR SATANÁS...

... amarre você mesmo!

A ênfase demasiada que hoje damos a Satanás está nos deixando desarmados quanto aos ímpetos pecaminosos que estão escondidos dentro de nós.

De nada adianta amarrar Satanás se não amarramos também a pecaminosidade latente. Estamos dando muita importância ao inimigo externo e pouca importância ao inimigo interno.

Não se faz uma igreja santa apenas desferindo golpes em Satanás.

É preciso esmurrar o corpo do pecado, obrigando-o a ser completamente controlado (1 Co 9.27). Foi exatamente essa técnica que Deus propôs a Caim nos primórdios da história do pecado: *“Eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo”* (Gn 4.7).

Antes de amarrar Satanás... põe para fora a capacidade pecaminosa do ser humano e aponta o caminho da vitória.

ISBN 85-86539-09-0



9 788586 539091

ELBEN M. LENZ CÉSAR

ANTES DE
AMARRAR SATANÁS...

*Uma análise bíblica e secular
da natureza humana e de
como lidar com a
pecaminosidade latente*

Ultimato
EDITORA

Copyright © 1998 by Elben M. Lenz César

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

Capa:
Expressão Exata

1ª Edição:
Abril de 1998

Revisão:
Bernadete Ribeiro
Délnia M. C. Bastos

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

César, Elben M. Lenz, 1930-

C421a Antes de Amarrar Satanás...; uma análise
1998 bíblica e secular da natureza humana e de como
lidar com a pecaminosidade latente / Elben M.
Lenz César; revisão de Bernadete Ribeiro e Délnia
Bastos. - Viçosa : Editora Ultimato, 1998.
120p.

ISBN 85-86539-09-0

1. Pecado. 2. Tentação. 3. Ética cristã. I. Título.

CDD 19.ed. 241.3

CDD 20.ed. 241.3

1998

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA ULTIMATO LTDA.
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa - MG
Telefone: (031) 891-3149 - Fax: (031) 891-1557
E-mail: ultimato@homenet.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
<i>PRIMEIRA PARTE</i>	
-1. SEIS BILHÕES DE CARENTES	13
2. O PROBLEMA DO MÁL NÃO É PROBLEMA DE FÁBRICA	16
3. A PARTE MALDITA DO SER HUMANO	19
*4. O OBSTÁCULO-CHEFE	22
--5. CÉREBRO MALIGNO	25
6. ESPÍRITO PORCO	28
--7. COMPLEXO DE DEUS	31
--8. DESOBEDIÊNCIA CONTÍNUA	34
9. QUANDO O ÓBVIO DEIXA DE SER ÓBVIO	38
10. PECAMINOSIDADE E PERMISSIVIDADE	41
11. AUTONOJO	44
12. FILHOS DE BELIAL	47
13. HÁ PECADO MAIS GRAVE QUE OUTRO?	51
14. A FESTA DA MÍDIA E A FESTA DA IGREJA	54
15. O PROVÉRBIO DAS UVAS VERDES	56
16. A GUERRA DOS DESEJOS	59
17. ENTRE O APÓSTOLO PAULO E O MARQUÊS DE SADE	62
18. É MELHOR ESCOLHER O LADO	65

SEGUNDA PARTE

19. UMA SACUDIDA NA ÁRVORE GENEALÓGICA DE JESUS	71
20. PERDÃO E CASTIGO, UMA CONVIVÊNCIA NECESSÁRIA	74
21. NÃO É VERDADE QUE “PAU QUE NASCE TORTO TARDE OU NUNCA SE ENDIREITA”	77
22. PLÁSTICA NO CARÁTER	83
23. ALINHAMENTO	86
24. CONVERSÃO CONTÍNUA	89
25. DOMÍNIO PRÓPRIO	93
26. SOB NORMAS E NÃO SOB ÍMPETOS	96
27. A ARTE DE JOGAR O LIXO NO LIXO	99
28. DE ROMANOS SETE PARA ROMANOS OITO	102
29. DO SALMO DOIS PARA ISAÍAS DOIS	105
30. PLENITUDE DO ESPÍRITO	109
31. VULNERABILIDADE	112
32. SÓ UMA COISA DÁ CERTO	115
EPÍLOGO	117

ABREVIACÕES

BLH - A Bíblia na Linguagem de Hoje

BJ - A Bíblia de Jerusalém

BV - A Bíblia Viva

NVI - Nova Versão Internacional (Novo Testamento)

As referências bíblicas não seguidas de indicação foram retiradas da Edição Revista e Atualizada da tradução da Bíblia por João Ferreira de Almeida.

APRESENTAÇÃO

Em dezembro de 1992, o arcebispo católico de Curitiba, Dom Pedro Fedalto, e o parapsicólogo Geraldo Dallegrave travaram uma ruidosa polêmica sobre o diabo. Dallegrave sustenta que “demônios, diabos ou Satã não existem: são meros simbolismos para designar, comumente, doenças subjetivas, pecado, tentação, inimigo, adversário etc”. Já o arcebispo acredita na existência de Satanás e dos demônios e assevera que esta crença faz parte da doutrina da Igreja Católica, diríamos, mais acertadamente, da igreja cristã.

Todavia, a crença na existência de Satanás, baseada na revelação das Sagradas Escrituras, não justifica o frenesi que existe hoje em torno de sua pessoa. Alguns setores da igreja cristã, sem querer, estão fazendo um alarde enorme sobre o demônio. Estão apavorando os fiéis e colocando a culpa de qualquer fracasso em Satanás.

A Palavra de Deus freqüentemente nos exorta ao equilíbrio. Tanto a descrença como o exagero, nesta e em outras áreas e doutrinas, causam problemas muito sérios.

Uma vez comprometido com Cristo, o crente é liberado do domínio daquele “que governa os poderes espirituais no espaço” (Ef 2.2, BLH). Este espírito continua a atuar nos “filhos da desobediência” e não nos “filhos da obediência” (1 Pe 1.14). João dá uma boa explicação: “Sabemos que os filhos de Deus não continuam pecando, porque o Filho de Deus os guarda, e o diabo não pode tocar neles” (1 Jo 5.18, BLH). Aquele que guarda os filhos da obediência refere-se ao diabo assim: “Ele não tem poder sobre mim” (Jo 14.30, BLH).

No trato com as forças demoníacas, o mandamento é: “Não deis lugar ao diabo” (Ef 4.27). O que se preconiza aqui não é a prática de um exorcismo constante e nervoso, na tentativa de mandar o diabo ir embora do corpo, da casa, da rua, do bairro, da cidade, da igreja, da roupa, do alimento, dos instrumentos musicais e do aparelho de som, como se o diabo enchesse todas as coisas. É mais inteligente não deixar o diabo entrar. Deixa-se o diabo de fora pelo continuado exercício da santidade de vida, que só é possível por meio da fé e da obediência, da oração e do sentimento de dependência de Deus e de todos os recursos devocionais. Andando em santidade de vida, o crente não cede lugar nem oportunidade ao diabo, e este não pode molestá-lo. Satanás entrou em Judas (Lc 22.3) certamente porque o apóstolo traidor nunca se comprometeu por inteiro com o Senhor, nunca fechou todas as portas em direção ao pecado (Jo 12.4-6). Qualquer área da vida fechada a Cristo está aberta ao diabo. Daí o trato que Jesus dispensou ao jovem rico, exigindo que ele vendesse todos

os seus bens em favor dos pobres e, depois, o seguisse (Lc 18.22). Daí a inutilidade de expulsar o espírito imundo e deixar a casa vazia (Lc 11.24-26). As muitas exortações apostólicas contidas nas Epístolas gerais e pastorais dizem respeito à necessidade de crescer na fé e na santidade de vida. Não encontramos os apóstolos expulsando demônios dos crentes e das igrejas. Eles pregavam vida abundante, cheia do Espírito, que não deixa espaço para o diabo.

Satanás existe e incomoda. Ele é maior que o homem e infinitamente menor que Deus. É ladrão de semente (Mt 13.19) e plantador de joio (Mt 13.39). Tem poder controlado para tentar (Jó 1.12; 2.6; Lc 22.31; 1 Co 10.14) e não perde a oportunidade de tentar (1 Pe 5.8). Mas Satanás não é o único instrumento de indução ao pecado. Os três clássicos promotores do pecado são: as inclinações da carne (problema interno), o curso deste mundo (problema externo) e a atuação satânica (problema extraterreno). Os três são mencionados juntos por Paulo na Espístola aos Efésios (2.1-3) e analisados cuidadosamente por Russell Shedd em *O mundo, a carne e o diabo*¹.

Mesmo “amarrando” Satanás (não por meio de algumas palavras mágicas, mas com a completa armadura de Deus), o crente continua sujeito ao pecado, porque ainda há duas forças desamarradas: o apetite pecaminoso próprio e a perturbadora influência do meio em que vive. Ele tem de investir contra essas três influências com o mesmo cuidado, o mesmo ímpeto e a mesma fé.

O livro que o leitor tem diante de seus olhos focaliza apenas o problema interno, provavelmente o mais complexo. Daí o título: *Antes de amarrar Satanás...* Trata-se de uma análise bíblica e secular da complicadíssima natureza humana e de como lidar com a pecaminosidade latente.

Quase todos os capítulos deste livro foram publicados originalmente na revista **Ultimato**. Aqui aparecem reunidos, depois de algumas adaptações.

Nota

¹ São Paulo: Edições Vida Nova, 1995. 126 p.

Todos que são beneficiados pelo que faço, fiquem certos que sou contra a venda ou troca de todo material disponibilizado por mim. Infelizmente depois de postar o material na Internet não tenho o poder de evitar que “*alguns aproveitadores*” tirem vantagem do meu trabalho que é feito sem fins lucrativos e unicamente para edificação do povo de Deus. Criticas e agradecimentos para: mazinhorodrigues@yahoo.com.br

Att: Mazinho Rodrigues.

PRIMEIRA PARTE

UMA ANÁLISE
BÍBLICA E SECULAR DA
NATUREZA HUMANA

1.

SEIS BILHÕES DE CARENTES

Quando Paulo escreveu que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23), havia 250 milhões de pessoas carentes no planeta. Esse número subiu para 450 milhões na época da Reforma Religiosa do século XVI e para 1,65 bilhão no início do presente século. Em 1975 éramos 4 bilhões e no início do terceiro milênio seremos 6 bilhões.

Somos um contingente enorme de homens e mulheres moral, espiritual e fisicamente enfermos. Mais do que carentes, estamos todos mortos em delitos e pecados (Ef 2.1). O planeta é um enorme e mal cheiroso necrotério. São mortos no sentido espiritual, pois estão separados de Deus. Todos necessitam de uma ressurreição igualmente espiritual. Em todos há uma centelha acesa que nunca se apaga — a lembrança remota e contínua de Deus. Uma espécie de saudade da criação, do Criador, da ordem original, dos primeiros dias de vida, da casa paterna. De uma forma e de outra todos

expressam a angústia dessa ausência: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma” (SI 42.1).

Tamanha distância de Deus é dolorosa demais. É tão ou mais desastrosa que a distância que separa a mãe do recém-nascido. A criança precisa da presença da mãe, do carinho da mãe, do olhar da mãe, do leite da mãe. Ela precisa tocar na mãe e ser tocada por ela, para ter a sensação e a certeza de que a mãe está por perto. Se for privada dessas coisas, a criança, caso sobreviva, crescerá confusa, triste e ficará emocionalmente perturbada, talvez para sempre. Ora, se isso acontece no relacionamento sangüíneo, quanto mais no relacionamento do homem com Deus, o maior e o mais subjetivo de todos os relacionamentos. A alma humana tem sede de Deus.

Daí a importância da enfática declaração de Paulo: “Todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Se consultarmos outras versões do texto, encontraremos mais riqueza ainda:

Em A Bíblia de Jerusalém e na Tradução Ecumênica - “Todos pecaram e estão privados da glória de Deus”.

Na Tradução Interconfessional (de Portugal) - “Todos pecaram e ficaram longe de Deus”.

Em A Bíblia na Linguagem de Hoje - “Todos pecaram e estão afastados da presença gloriosa de Deus”.

Em A Bíblia Viva (do Brasil) - “Todos fracassaram e não puderam alcançar o glorioso ideal de Deus”.

Em A Bíblia Viva (de Portugal) - “Todos pecaram, tendo perdido o direito de acesso à glória de Deus e falhado o destino glorioso que Ele preparara para a humanidade”.

Sejam quais forem as palavras empregadas pelos tradutores, a idéia contida no texto paulino é de distância entre o homem e Deus, como resultado direto do

pecado geral e particular. Logo após a queda do homem, o misericordioso Deus fez o primeiro anúncio de sua completa redenção: a promessa de que o descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente (Gn 3.15).

Na plenitude do tempo, Deus cumpriu a dita promessa e “enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4.4-5). Desde então, os 6 bilhões de carentes do século XXI têm a possibilidade de ser restaurados e de se tornar outra vez filhos de Deus!

2.

O PROBLEMA DO MAL NÃO É PROBLEMA DE FÁBRICA

O planeta está cheio de miséria, cheio de injustiça, cheio de violência, cheio de sangue, cheio de impureza sexual, cheio de dor, cheio de contradições. De quem é a culpa?

A Bíblia registra uma curiosa e séria discussão entre Deus e os israelitas na época do profeta Ezequiel, menos de 600 anos antes de Cristo. O povo reclamava: “O modo de proceder do Senhor não está certo”. E Deus rebatia: “Será o meu procedimento que não está certo, ó casa de Israel? Não será antes o vosso procedimento que não está certo?” (Ez 18.29, BJ).

Um diz que “da madeira torta da qual o homem foi feito nada de completamente reto pode ser trabalhado” (Immanuel Kant). Outro discorda: “Deus fez o homem reto, e este procura complicações sem conta” (Ec 7.29, BJ).

O livro das origens afirma que Deus criou o homem à sua imagem (Gn 1.26). Já Luís Fernando Veríssimo faz troça e troca o nome de Deus pelo nome do diabo, provocando a seguinte aberração: “Disse o Diabo: Façamos o homem à nossa imagem; e criou o homem à sua imagem”.

O masdeísmo, antiga religião da Pérsia, hoje Irã, segue caminho diferente. Ensina que há dois princípios rivais disputando a hegemonia do mundo: o princípio do bem (Ahura-Mazlâ) e o princípio do mal (Ahira-man). O dever do homem é ajudar o bem a triunfar. Zaratrûsta, também chamado Zoroastro no Ocidente, é o principal porta-voz deste sistema religioso dualista (século VI a.C.). O cristianismo teve de repudiar a intromissão dessa heresia em diversas ocasiões. Alguns grupos religiosos adotaram o dualismo iraniano, como os maniqueístas (a partir do terceiro século d.C.), os gnosticistas, os marcionistas, os paulicianos (século VII), os logomilistas (século X) e os cátaros (século XI). A Bíblia jamais ensinou tal coisa. A primeira página das Escrituras é suficiente para acabar com a interpretação dualista do mal, desde que há um só Criador e um só Senhor de todas as coisas visíveis e invisíveis. Não há dois princípios, mas um só Deus. A existência do diabo e do mal “só pode ser atribuída ao abuso do livre arbítrio por parte dos seres criados, quer anjos, quer homens” (G. C. D. Howley). O dualismo não põe a culpa do mal em Deus, mas diminui a culpa do homem e exagera o poder do mal.

Na verdade, o problema do mal não é problema de fábrica. É problema do próprio homem, do mau uso de sua vontade e de seu poder. O primeiro passo para a restauração do bem e da ordem tem de começar com a declaração conjunta da inocência de Deus e da

culpabilidade do homem. A culpa é sempre nossa. De nossa arrogância. De nossa estupidez. De nosso desvario. De nossa insatisfação. De nosso egocentrismo. De nossa indisciplina.

Naturalmente é muito mais cômodo colocar a culpa sobre o ombro alheio, sobre as circunstâncias e sobre as fatalidades do que sobre nós mesmos. A culpa é de Deus, a culpa é da mulher, a culpa é do diabo, a culpa é da igreja, a culpa é da sociedade, a culpa é da televisão, a culpa é do governo. Todos são culpados, exceto nós próprios. Assim não se chega a nada. Não se avança sequer um milímetro rumo à interpretação e à solução do problema.

Quem melhor explica que o problema do mal não é problema de fábrica é Tiago. Segundo o apóstolo, ninguém deve pensar nem dizer explícita ou implicitamente que é tentado por Deus, “pois Deus não pode ser tentado pelo mal, e Ele mesmo a ninguém tenta”. O pecado é o resultado concreto do conúbio da concupiscência com a vontade de cada um. É o “sim” à proposta pecaminosa, depois das provocações iniciais (Tg 1.13-15).

3.

A PARTE MALDITA DO SER HUMANO

Ao ser humano Deus deu uma importância enorme, que pode ser expressa nesta simples nota do livro de Gênesis: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem” (Gn 1.27).

Ele tem um corpo ereto, elegante e bonito, capaz de se manter vivo, capaz de locomover-se e capaz de reproduzir-se. Tem uma mente capaz de pensar, raciocinar, armazenar dados, lembrar-se, sonhar, criar e amar. Tem uma alma capaz de relacionar-se com Deus. E a ele foi dado o domínio de toda a criação.

Não obstante tanta glória, o ser humano tem aquilo que o pensador francês Jean Baudrillard chama de “a parte maldita” do homem ou “o princípio do mal”. Todos os estragos causados no meio ambiente, no relacionamento entre cônjuges, entre famílias, entre grupos étnicos e entre nações, e na comunhão do homem com Deus derivam dessa parte maldita do ser humano.

Baudrillard não é o único a chamar a atenção para esse problema acentuadamente complexo. O escritor sérvio Vidosav Stevanovia diz sem rodeios que “o mal, como o bem, faz parte da condição humana” e, então, exorta: “Antes de combater o mal nos demais, cada um deve combatê-lo no interior de si mesmo”¹. A psiquiatra brasileira Nise da Silveira afirma: “Todos nós temos uma parcela do mal, não somos bonzinhos cem por cento”. A mesma confissão faz o pastor Caio Fábio na apresentação de suas *Confissões*: “Puxei um fiapo na minha alma e achei uma grossíssima corda de amarrar navio atada bem no cerne de meu ser”². A socialite carioca Georgiana Guinle, convertida ao evangelho em 1994, reafirma tudo isso quando declara: “Passei 10 anos de minha vida invocando espíritos externos, me esquecendo de exorcizar os meus fantasmas interiores”³.

Antes de Jean Baudrillard, o juiz Álvaro Mayrink da Costa explicava que “em todo homem há um leão adormecido e acordá-lo é só uma questão de oportunidade”⁴.

Antes de Álvaro Mayrink, o escritor americano William Saroyan dizia que o homem mau deve ser perdoado todos os dias e amado “porque alguma coisa de cada um de nós está no pior homem do mundo e alguma coisa dele está em cada um de nós”⁵.

Antes de Saroyan, o pastor luterano Dietrich Bonhoeffer perguntava-se, com espanto: “Quem sou eu? Este ou aquele? Sou eu um, hoje, e outro, amanhã? Sou eu ambos ao mesmo tempo?”.

Pouco antes de Bonhoeffer, o escritor Mário de Andrade, autor de *Macunaíma*, mencionava a sua própria parte maldita numa carta a Portinari: “Você me revelou o meu lado angélico, ao passo que Segall me revelou o meu lado diabólico, as tendências más que procuro vencer”.

Antes de Mário de Andrade, o teólogo cartaginês Tertuliano explicava que “além do mal que sobrevem à alma, proveniente da intervenção do espírito mau, existe um mal antecedente e, em certo sentido, natural, proveniente de sua origem corrupta”⁶.

Antes de Tertuliano, o filósofo romano Sêneca indagava: “Oh! que é isso que, quando queremos ir para um lado, nos arrasta para o lado oposto?”.

Na mesma época de Sêneca, Pedro, Tiago e Paulo escreviam aos cristãos, instruindo-os a respeito dessa dificuldade interior e permanente que facilita o pecado e dificulta a virtude. Pedro afirma categoricamente que as paixões carnis fazem guerra contra a alma (1 Pe 2.11). Tiago garante que “cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz” (Tg 1.14). E Paulo acrescenta: “O que a nossa natureza humana deseja é contra o que o Espírito quer, e o que o Espírito quer é contra o que a nossa natureza humana deseja” (Gl 5.17, BLH).

E 700 anos antes dos apóstolos e de Sêneca, o profeta Jeremias já dizia: “Não há ninguém capaz de saber até que ponto é mau e pecador o coração humano!” (Jr 17.9, BV).

Notas

¹ O *Correio da UNESCO*, 5/97. p. 7.

² *Confissões do pastor Caio Fábio*. São Paulo: Editora Record, 1997. p. 12.

³ *Do outro lado da eternidade*. São Paulo: Editora Vida, 1997. p. 133.

⁴ Revista *Veja*, out. 1971.

⁵ Revista *Veja*, 4 dez. 1968.

⁶ *História da igreja cristã*. Editora Aste, 1967. vol. 1. p. 99.

4.

O OBSTÁCULO-CHEFE

O chefe da sucursal do *Jornal do Brasil* em Porto Alegre perguntou ao humorista Luís Fernando Veríssimo se ele, depois de tantas viagens por este mundo fora, em contato com costumes e hábitos diversos, chegou a alguma conclusão sobre a raça humana. A resposta do autor de *O analista de Bagé* foi seca: “É todo mundo igual”. Foi seca e verdadeira, pois coincide com a análise da teologia bíblica: “Todos se extraviaram e juntamente se corromperam” (Sl 14.3).

Pergunta semelhante foi feita ao historiador francês George Duby: “o ser humano evoluiu desde a Idade Média?”. A resposta do autor de *A história da vida privada* é mais realista que pessimista: “Houve modificações materiais, mas as condições morais não mudaram. Os indivíduos continuam selvagens e cruéis”.

Os dois escritores confirmam a velha doutrina calvinista e paulina da total depravação humana, no tempo (resposta de George Duby) e no espaço (resposta

de Luís Fernando Veríssimo). Este é o problema básico, que comanda os acontecimentos de ontem e de hoje, do Norte e do Sul. Qualquer boa intenção, qualquer mudança para melhor, qualquer reforma moral, qualquer esforço em direção à justiça social — encontra a dificuldade interna de se rebelar contra o mal e de se dobrar ao bem.

Ao se considerar solto aos seus próprios desejos egoístas e maus, o homem se perverte e perverte a sociedade no meio da qual vive. A sociedade por ele pervertida contribui, por sua vez, para aumentar ainda mais a perversão do homem e do seu ambiente, formando um círculo vicioso de proporções assustadoras. É deste mal que estamos sofrendo. E é contra ele que precisamos fazer uma revolução, pois ainda somos escravos do pecado, ainda fazemos a vontade da carne, ainda estamos sob dominação estranha aos propósitos originais, ainda não amarramos a nós mesmos.

Basta ouvir as notícias corriqueiras, enfadonhas, sujas, desanimadoras e dolorosas do Brasil e do mundo, dos países ricos e dos países pobres. Só há miséria, loucura, maldade, obsessão por dinheiro, mania de sexo, ódio, mentira e corrupção generalizada e incurável. O homem é livre mas não é feliz. Faz o que quer mas não se realiza. Promove conferências, escreve teses, assina tratados, muda de cônjuge, de país, de religião, de partido, de ideologia e até de sexo, mas não se sente seguro em lugar algum. Está desesperado e sem esperança. A crise deixou de ser individual para ser coletiva. Tudo porque o obstáculo-chefe não foi lembrado, não foi identificado, não foi enfrentado, não foi removido. Estamos atrás de bruxas e não do obstáculo-chefe. Sabemos que ele existe, mas não queremos tocar nele nem com o dedo. Mentimos aos outros e a nós mesmos. Rodeamos

o núcleo da questão, mas não chegamos a ele. Temos medo. O vazio nos faz idiotas e nos obriga a correr atrás do vento e do misticismo inoperante que serve apenas de desculpa e de tranqüilizante para a mente agitada. Nosso alvo precisa ser a destruição do obstáculo-chefe — que é a vontade solta e não “a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Só assim seremos realmente sal da terra e luz do mundo e poderemos contribuir para causar algum impacto na história e na geografia deste planeta.

5.

CÉREBRO MALIGNO

Em fevereiro de 1990, um médico da Clínica Mayo, nos Estados Unidos, disse francamente ao editor brasileiro Alfredo Machado que ele tinha um tumor maligno no cérebro. O proprietário da Editora Record fez então uma brincadeira com o médico: “Maligno? Mas só o tumor? O cérebro também é maligno, doutor”.

A palavra de Alfredo Machado, que morreu no ano seguinte, é mais do que uma piada. Encerra uma das verdades bíblicas básicas e de demorada aceitação.

A queda deixou o homem definitivamente enfermo: “Toda a cabeça está doente e todo o coração enfermo” (Is 1.5). O texto vai mais além e completa: “Desde a planta do pé até a cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas, umas e outras não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo” (Is 1.6). O profeta não está falando de enfermidade física, mas de doença moral.

Essa e outras passagens das Escrituras Sagradas referem-se à depravação total do homem. O autor bíblico

que mais procurou entender a natureza humana chegou à conclusão de que, “embora Deus tenha criado o homem perfeito, cada um preferiu cuidar da vida a seu modo e todos acabaram se desviando” (Ec 7.29, BV). Somos todos um rebanho enorme de ovelhas desgarradas (Is 53.6). Nós nos extraviamos e juntamente nos corrompemos (Sl 14.3). Aprendemos a fazer o mal e desaprendemos a fazer o bem. Sentimos uma atração enorme por Deus e somos atraídos também pelo pecado. Vivemos uma situação confusa, contraditória e tremendamente difícil.

Nosso cérebro é de fato maligno. Somos todos capazes de pequenos e grandes delitos. Capazes de descer todos os degraus da retidão e subir todos os degraus da dissolução. A brincadeira de Alfredo Machado explica por que o ser humano troca a verdade pela mentira, o Criador pela criatura, a sabedoria pela loucura, a glória de Deus pela imagem de um réptil e a heterossexualidade pela homossexualidade (Rm 1.18-32). Só mesmo um cérebro maligno amaria mais as trevas do que a luz (Jo 3.19) e mataria “o Autor da vida” (At 3.15), livrando da pena de morte aquele que “estava no cárcere por causa de uma sedição na cidade, e também por homicídio” (Lc 23.19).

Nosso cérebro maligno nos induz a chamar o mal de bem e o bem de mal, a transformar as trevas em luz e a luz em trevas, e a mudar o amargo em doce e o doce em amargo (Is 5.20). Esse mesmo cérebro doentio danifica o raciocínio, a inteligência, o livre arbítrio e a consciência. É ele que escraviza a nossa vontade, fazendo-nos dependentes de coisas que proporcionam mais estragos que benefícios. É ele que inspira comportamentos absolutamente injustificáveis e destruidores, como a inveja, o ódio, a violência, a discriminação, a injustiça, a escravatura, o fanatismo, o estupro, o assassinato e a guerra.

O câncer no cérebro leva à morte física, mas o cérebro moralmente maligno leva à morte espiritual, além de fazer muitas outras vítimas.

6.

ESPÍRITO PORCO

Na análise do comportamento humano, o criminalista brasileiro Waldir Troncoso Peres, que já defendeu cem homens que mataram suas esposas e trinta mulheres que mataram seus maridos, aproxima-se muito da teologia bíblica da pecaminosidade latente do ser humano. Basta ler os seguintes pronunciamentos retirados de sua entrevista à revista *Veja*, de 30 de novembro de 1994:

“O espírito do homem é porco. Por ali passam desejos de todos os matizes que são os mais cruéis e terríveis. O mais generoso dos homens já deve ter desejado a morte de uns cem. Esse impulso todo mundo tem.”

“Não há quem não tenha lixo atômico na cabeça. É preciso descarregar isso em algum lugar.”

“Qualquer um de nós tem instintos homicidas.”

“Se cada um pensar melhor, verá que não é nada impossível que amanhã seja o agente do crime.”

O criminalista, que já passou 3.000 horas nos tribunais, cita ainda um conselho atribuído ao médico

francês Maurice Fleury: “Depois de percorrer todos os escaninhos da alma humana, cheguei a uma conclusão: tenhamos piedade uns dos outros”.

Há muitas outras vozes que têm falado as mesmas coisas em outras ocasiões. O filósofo romano Sêneca, que foi contemporâneo de Jesus Cristo e conselheiro de Nero, para quem a catástrofe é resultado da destruição da razão pela paixão, declarou: “Somos todos perversos. O que um reprova no outro, ele o achará em seu próprio peito. Vivemos entre perversos, sendo nós mesmos perversos”. Já o moralista inglês Samuel Johnson, que escreveu *A vaidade dos desejos humanos* em 1749, confessou: “Cada qual sabe de si mesmo o que ele não ousa contar ao seu mais íntimo amigo”. Poucos anos depois, o poeta alemão J. W. Goethe exclamou: “Não vejo falta cometida que eu não a pudesse ter cometido”.

É por causa desses “impulsos negativos da nossa espécie”, expressão usada por Carlos A. Dunshee de Abranches, articulista do *Jornal do Brasil*, que Tiago garante que o profeta “Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos” (Tg 5.17). Para evitar que o povo de Listra os tomasse por semideuses ou deuses, Paulo e Barnabé explicam: “Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos” (At 14.15).

Na Epístola aos Romanos, Paulo desvenda o seu coração e diz sem o menor rodeio: “Ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim” (Rm 7.21).

Todas essas confissões nos levam ao ensino de Jesus Cristo: “O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos,

os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura: Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem” (Mc 7.20-23).

O poeta romano Ovídio, autor de *A arte de amar*, era bem mais velho que o apóstolo Paulo. Ambos se queixam desse “lixo atômico” a que se refere o criminalista Waldir Troncoso: “Vejo o que é melhor e aprovo; contudo, faço o que é pior” (Ovídio) e “Não faço o que prefiro, e sim o que detesto” (Paulo).

Davi era piedoso, místico, compositor e cantor de Salmos, homem de oração, mas também cometeu um crime passional: mandou matar Urias, esposo da mulher com a qual adulterou (2 Sm 11.1-25). A visão do corpo nu ou seminu de Bate-Seba atizou a paixão interior, que, por sua vez, destruiu não só a razão, como dizia Sêneca, mas também a preciosa comunhão que Davi tinha com Deus. Daí a palavra do segundo filho de Davi e Bate-Seba: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23).

Para este problema dos “impulsos negativos da nossa espécie” ou do “espírito porco” — só há uma estratégia que dá certo: a arte de negar-se a si mesmo todas as vezes que o desejo for pecaminoso, criminoso, antiético, egoísta ou louco.

Esta é uma condição *sine qua non* para se tornar cristão: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23). É como veremos na segunda parte deste livro.

7.

COMPLEXO DE DEUS

Talvez a mais ousada manifestação da pecaminosidade latente do ser humano seja o complexo de Deus.

Há pessoas que elevam-se a si mesmas ao ponto de pensar que são iguais a Deus. Não são necessariamente doentes mentais. A doença delas é de fundo espiritual: uma forma grave e desenvolvida de orgulho. O príncipe de Tiro é um exemplo clássico. Ele disse sem o menor constrangimento: “Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento...”. A resposta de Deus foi pronta e categórica: “Não passas de homem e não és Deus, ainda que estimas o teu coração como se fora o coração de Deus” (Ez 28.2).

Atitude mais estranha ainda é a do rei da Babilônia, que alguns intérpretes acreditam referir-se também a Lúcifer: “Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono..., subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14.13-14).

O complexo de Deus começa com aquela propensão à soberba, que afeta toda a raça humana, como conseqüência natural da queda. Desde então o homem não está mais preocupado com a glória de Deus, mas com a própria glória. E porque, no fundo, todos querem ser Deus, a desordem é total. O clima é de intensa rivalidade entre os homens e destes para com Deus. Nessa corrida para as mais altas nuvens tudo é válido. O alvo — inicialmente proposto pela serpente — é ser como Deus (Gn 3.5), é rivalizar com o Altíssimo e assentar-se na cadeira de Deus.

Porque nos esquecemos de que tudo vem de Deus, quanto mais dotados, maior é a tentação de envaidecimento. Somos levados a nos glorificar de nossa sabedoria, de nossa valentia e de nossa riqueza, embora nosso único motivo de orgulho seja o conhecimento de Deus (Jr 9.23-24).

Aqueles que são possuídos pelo complexo de Deus, eles mesmos alimentam a sua própria vaidade e vão se transtornando cada vez mais. Cuidam das aparências e insinuam ser o Grande Poder, como Simão, o mago de Samaria (At 8.9-13). Escondem do grande público a sua fragilidade e deixam que todos os chamem de portentos. Apresentam-se como salvadores da pátria, salvadores dos pobres, salvadores da liberdade, salvadores dos direitos humanos e assim por diante. Eles querem público, querem palmas, querem ibope, querem multidões, querem adoradores, querem alcançar as mais altas nuvens, querem assentar-se na cadeira de Deus.

As vítimas do complexo de Deus jamais fariam o que Pedro fez na casa de Cornélio. Quando o centurião romano de Cesaréia se encontrou pela primeira vez com Simão, prostrou-se a seus pés e o adorou, mas Cefas o levantou e lhe ordenou: “Ergue-te, que eu também sou

homem” (At 10.26). Também não diriam o que Paulo e Silas disseram à multidão de Listra, que os tratava como deuses em forma de homens: “Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos” (At 14.15).

A estratégia dos metidos a Deus é diametralmente oposta à estratégia adotada por João Batista: enquanto João diz “convém que Ele (Jesus) cresça e que eu diminua” (Jo 3.20), eles certamente pensam, e às vezes chegam a dizer: “Convém que Ele diminua e que eu cresça”.

De acordo com a história, o complexo de Deus ataca mais aqueles que estão investidos de autoridade — civil e religiosa. Afeta também os que alcançam grande sucesso e se esquecem da origem e do propósito desse sucesso. A lista começa com Lúcifer e vai além de Jim Jones, aquele líder carismático que provocou o suicídio coletivo de uma comunidade religiosa estabelecida na Guiana. Talvez o mais notável seja Nabucodonosor, que teve de aprender a duras penas que a cadeira de Deus nunca esteve vaga, como se fosse a cadeira de algum imortal que morre... (Dn 4.25).

A soberba tem de ser localizada e amarrada desde o início, antes que prejudique as faculdades mentais e vire uma síndrome, de cura quase sempre impossível.

8.

DESOBEDIÊNCIA CONTÍNUA

O homem saiu das mãos de Deus. Encontrou tudo pronto e este tudo “era muito bom” (Gn 1.31).

Todavia, hoje há os que dizem: “Não há Deus” (Sl 14.1). Há os que ficam em cima do muro e ainda não sabem ou não têm certeza da existência ou da não existência de Deus. Há os que não têm a menor dúvida quanto à existência de Deus, mas não lhe dão nenhuma atenção. Há os que só o procuram na hora do desespero e da morte. Há os que não gostam de Deus nem concordam com Ele e lhe viram as costas. Há os que lhe prestam culto formal, culto interesseiro ou culto hipócrita. Um bom número não lhe presta culto algum. Há os que se apropriam do nome de Deus e o comercializam. Há os que não reconhecem a sua soberania e vivem como se Deus não existisse. Há os que colocam fantasias em Deus e o moldam de acordo com as suas próprias paixões.

A situação é extremamente caótica. A distância entre a criatura e o Criador é enorme. A razão de tamanha tragédia é uma só: a eterna desobediência humana. Esta incrível capacidade negativa de não glorificar a Deus como Deus (Rm 1.21) pode ser analisada sob três ângulos: a desobediência inicial, a desobediência contínua e a desobediência generalizada.

Deus havia dito ao homem para não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.16-17) mas ele comeu (Gn 3.1-7). Era a única restrição da parte de Deus e tinha o propósito de dar ao homem a oportunidade de manter a santidade original por livre escolha. Mas a ordem não foi obedecida e o homem caiu em pecado. As conseqüências foram trágicas. O homem e toda a sua descendência sofreram uma terrível ruptura no seu relacionamento com Deus, o que se chama de morte espiritual. A partir daí, o homem passou da capacidade de não pecar para a incapacidade de não pecar. “Erguido do pó para viver, o homem pecador agora é condenado a voltar para o mesmo pó”, como lembra Robert G. Clouse. Por ter comido da árvore do conhecimento do bem e do mal, ele é então impedido de comer da árvore da vida, que simboliza uma vida eterna de comunhão com Deus. Por causa dessa primeira desobediência, “entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte” (Rm 5.12).

O homem não deixou de pecar depois da amarga experiência da queda. Ao contrário, a maldade se multiplicou e a vontade de pecar tornou-se contínua (Gn 6.5). É muito mais fácil pecar do que não pecar, como tão bem explica Paulo na Epístola aos Romanos (7.13-24). O pecado não está somente do lado de fora, mas dentro do homem. Ao mesmo tempo que sente sede de Deus, ele sente também forte necessidade

interior de pecar. Mesmo reconciliado com Deus, a sua natureza interior “milita contra o Espírito” e exige satisfação (Gl 5.17). Só com o auxílio sobrenatural do Espírito é que ele consegue dizer não à carne (Rm 8.13). Mas para tanto é preciso negar-se a si mesmo a vida inteira (Lc 9.23) e esmurrar o corpo para obrigá-lo a ser completamente controlado (1 Co 9.27). Porque de contínuo e abertamente irrita a Deus (Is 65.3), o homem é exortado por este mesmo Deus a cessar de fazer o mal (Is 1.16).

A desobediência não é um problema nem da minoria nem da maioria, mas da totalidade dos habitantes deste planeta. É um problema geral e universal, tanto no tempo quanto no espaço. Não há exceções: “Todos se extraviaram e juntamente se corromperam: não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Sl 14.3). Quanto mais longe de Deus, mais o homem desconhece e ama a sua desobediência. Quanto mais perto de Deus, mais o homem enxerga e detesta a sua desobediência. O espírito de desobediência assume formas cada vez mais ousadas. É a filha que embriaga o pai para se deitar com ele (Gn 19.30-38). É a nora que se veste de prostituta para se deitar com o sogro (Gn 38.12-19). É o irmão que se finge de doente para estuprar a irmã (2 Sm 13.1-14). É o filho que arma uma tenda no eirado para se deitar com as concubinas do pai (2 Sm 16.20-23). É a mulher que se deita com outra mulher e o homem que se deita com outro homem (Rm 1. 26-27). É o homem que se deita com animal e a mulher que se põe perante um animal para se contaminar com ele (Lv 18.23). É a população desvairada de Sodoma que cerca a casa de Ló na tentativa de abusar sexualmente da dupla de anjos celestes que ele hospedava (Gn 19.1-12). É a população bissexual de Gibeá que

força e abusa de uma mulher casada a noite toda até deixá-la morta (Jz 19.22-30).

Os avanços em direção à mais completa e arrogante desobediência e a permanente insaciabilidade do homem caído obrigam-no a inventar novas e “muitas maneiras de fazer mal” (Rm 1.30). Não só na área de perversão do sexo, mas em todas as áreas: na prática da violência, da injustiça, do egoísmo, da exploração econômica de pessoas (escravidão) e de nações menos poderosas (colonialismo), da hipocrisia, da mentira, da apropriação indébita, do amor ao dinheiro, do genocídio e até do culto (a loucura de adorar a criatura e não o Criador, a loucura de adorar o diabo e não a Deus). Este é o *Homo insipiens* e não o *Homo christianus*.

9.

QUANDO O ÓBVIO DEIXA DE SER ÓBVIO

O sindicato dos ourives de Éfeso era de fazer inveja. Eles tinham força. Quando perceberam que a pregação de Paulo estava colocando em descrédito a profissão deles e diminuindo a olhos vistos a venda das miniaturas do templo de Diana, a famosa deusa da mitologia romana (a mesma Ártemis, da mitologia grega), os artífices reuniram-se no enorme teatro da cidade (que podia acomodar mais de 25.000 pessoas). Sob a liderança de Demétrio, fizeram um grande tumulto, gritando por espaço de quase duas horas: “Grande é a Diana dos efésios!” (At 19.23-40). Foi com dificuldade que o escrivão da cidade dissolveu a assembléia para evitar que o protesto se degenerasse em graves perturbações da ordem.

Na defesa de seus interesses e de sua classe, Demétrio fez o seguinte discurso: “Senhores, vocês sabem que

temos uma boa fonte de lucro nesta atividade e estão vendo e ouvindo como este indivíduo, Paulo, está convencendo e desviando grande número de pessoas aqui em Éfeso e em quase toda a Província da Ásia. Ele diz que deuses feitos por mãos humanas não são deuses” (At 19.26, NVI).

Ora, o que Paulo estava afirmando era absolutamente óbvio para a sua formação religiosa e para o nosso raciocínio. É evidente que o Deus verdadeiro, criador e sustentador de todas as coisas visíveis e invisíveis, não é produzido por mãos de artífices que trabalham com ouro e prata. Mas para os membros do sindicato dos ourives de Éfeso o louco era Paulo.

Uma das loucuras humanas que abandona o óbvio e abraça o não óbvio é a fabricação sem medida de ídolos. É uma coisa estúpida, mas foi com muita dificuldade que os profetas de Deus conseguiram convencer o seu povo a desacreditar nos ídolos, mostrando sempre a idiotice dessa expressão religiosa, comum entre os gentios e acidental entre os judeus. Jeremias, que viveu 600 anos antes de Cristo, por exemplo, ridiculariza as imagens de escultura, recordando a origem delas: “Eles derrubam uma árvore e dela fazem um ídolo, com o trabalho cuidadoso de um artista. Depois enfeitam a imagem com ouro e prata, e prendem seu “deus” firmemente, com pregos, para não ser derrubado. Esses ídolos têm tanto valor quanto um espantalho, parado no meio de uma plantação; não são capazes sequer de falar! Precisam ser carregados, porque não podem andar!” (Jr 10.3-5, BV). Dois Salmos lembram que os ídolos “têm boca, e não falam; têm olhos, e não vêem; têm ouvidos, e não ouvem; têm nariz, e não cheiram; suas mãos não apalparam; seus pés não andam; nem som nenhum lhes sai da garganta” (Sl 115.5-7; 135.15-18).

Há muitos outros exemplos de ocasiões quando o óbvio deixa de ser óbvio, em consequência da absorção progressiva do mal e do repúdio igualmente progressivo do bem. O mais recente é a defesa do casamento de homossexuais. Até agora qualquer dicionário define casamento como “ato solene de união entre duas pessoas de *sexos diferentes*, capazes e habilitadas, com legitimação religiosa e, ou, civil”¹. Ora, a prática homossexual é uma ruptura com a criação original, e o casamento homossexual é a legalização dessa ruptura. Mas isso já deixou de ser óbvio para muitos formadores de opinião.

Quando o ser humano se embrutece, ele perde a capacidade de raciocínio, o que é um estágio à frente para quem já perdeu a consciência de pecado.

Aquele que chama o óbvio de não óbvio e o não óbvio de óbvio realiza trocas incríveis: troca a glória de Deus por um animal que come capim (Sl 106.20), troca a verdade pela mentira e troca as relações heterossexuais pelas relações homossexuais (Rm 1.18-27).

Quanto menos reprimimos os impulsos de nossa índole pecaminosa, mais corremos o risco de trocar o não óbvio pelo óbvio. Esse auto-embrutecimento significa o fim de tudo. Marca o ponto a partir do qual não há mais retorno.

Nota

¹ *Novo Dicionário Aurélio*.

10.

PECAMINOSIDADE E PERMISSIVIDADE

O já citado criminalista Waldir Troncoso Peres, aquele que declara que “o espírito do homem é porco”, explica que quem comete um crime “obviamente tem uma estimulação que vem de dentro e vai para fora. Mas existe uma coadjuvação do lado de fora para dentro. Existe um comando social que determina que ele mate”.

Trata-se do mais complexo e destruidor de todos os círculos viciosos. O ser humano peca por causa de sua propensão natural para o pecado. Porque todos têm a mesma dificuldade e pecam, a sociedade por eles constituída e dirigida é ao mesmo tempo corrupta e corruptora. O comando social é posterior à queda e filho legítimo da pecaminosidade latente. Exerce uma pressão tão forte quanto a parte maldita do homem. A vontade de pecar e a permissividade oferecida pela sociedade se juntam, se aliam, se alimentam, se

favorecem mutuamente e esmagam qualquer bom propósito em direção à santidade de vida.

O nome que o criminalista de São Paulo dá a esta força de fora para dentro, que se une com a força de dentro para fora, é comando social. A Bíblia chama isso de o curso deste mundo (Ef 2.2) ou simplesmente mundo (1 Jo 5.4). Daí o adjetivo *mundano*, que define aquele que é dado a gozos e prazeres montados sobre uma estrutura pecaminosa, sem se importar com as regras de comportamento ditadas por Deus. O cristão não deve amar o mundo porque “tudo que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo” e também porque “o mundo e a sua cobiça passam”, o que não acontece com aquele que faz a vontade de Deus (1 Jo 2.15 e 17, NVD).

Só com a sabedoria de Deus e o poder do Espírito é possível vencer a pressão da maioria e nadar contra a correnteza deste mundo.

A Bíblia encoraja o rompimento do crente com o comando social. Há um texto lindo, mas pouco conhecido, no Velho Testamento, que ajuda muito: “Não seguirás a multidão para fazeres mal, nem deporás, numa demanda, inclinando-te para a maioria, para torceres o direito” (Êx 23.2). Na Bíblia de Jerusalém, a primeira parte deste verso fica assim: “Não tomarás o partido da maioria para fazeres o mal”. Vale a pena citar também a versão de A Bíblia na Linguagem de Hoje: “Não siga a maioria quando ela faz o que é errado”.

Na Epístola aos Romanos a mesma exortação é feita com outras palavras: “Não imitem a conduta e os costumes deste mundo, mas seja, cada um, uma pessoa nova e diferente, mostrando uma sadia renovação em tudo quanto faz e pensa. E assim vocês aprenderão, de

experiência própria, como os caminhos de Deus realmente satisfazem a vocês” (Rm 12.2, BJ).

O cristão precisa lembrar-se constantemente da ruptura que Jesus pregou entre a vida cristã e a vida mundana: “Entrem pela porta estreita porque a porta larga e o caminho fácil levam à perdição, e há muita gente que anda por esse caminho. A porta estreita e o caminho difícil conduzem à vida e pouca gente encontra esse caminho” (Mt 7.13, BLH).

Chama-se de conversão a transferência de alguém do caminho fácil para o caminho difícil. É uma obra da graça de Deus: “Ele nos arrancou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do Filho amado, no qual temos a redenção — a remissão dos pecados” (Cl 1.13, BJ). Chama-se de santificação a continuação da conversão e a purificação progressiva dos males que procedem de dentro para fora e dos males que procedem de fora para dentro. É também uma obra de Deus: “O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso espírito, vossa alma e vosso corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts 5.23, BJ).

11.

AUTONOJO

Não adianta procurar no *Aurélio*. A palavra *autonojo* não existe. Está sendo criada agora e usada pela primeira vez.

Autonojo significa simplesmente nojo próprio, nojo de si mesmo. Expressa uma sensação muito desagradável e humilhante, que pode, todavia, participar da cura de quem é portador deste mal.

É muito fácil ter nojo dos outros, nojo do marido, nojo de quem está sujo e fedendo, nojo de um bêbado todo vomitado, nojo de uma prostituta que se deitou com vários homens durante a noite, e assim por diante. Mas o autonojo não é tão freqüente quanto o nojo alheio.

Deixando de lado as crises de nojo de si próprio provocadas por algum distúrbio (passageiro ou não) de fundo psicológico, é bom valorizar o autonojo quando ele provém de um equilibrado processo de convicção de pecado. É bem possível que Jesus tenha querido transmitir esta idéia na famosa parábola do filho

pródigo (Lc 15.11-32). O fato de o rapaz ter consumido tudo, ter passado necessidade numa terra distante, estar guardando porcos (animais imundos para sua cultura) e não ovelhas, de não encontrar generosidade alguma, nem para comer comida de porco, depois de ter desperdiçado a sua herança com meretrizes — certamente mostra que ele está tomado de autojojo quando confessa sua miséria e decide voltar para casa.

Não há dúvida de que Davi, depois do adultério, depois do assassinato de Urias e depois de acusado por Natã, tenha experimentado uma alta dose de autojojo. É isto que ele demonstra no Salmo 51, quando usa os verbos lavar e purificar: “Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me e ficarei mais alvo que a neve” (v. 7).

Como conseqüência do pecado e para sair do pecado, o autojojo é inevitável. Três vezes o profeta Ezequiel avisa o povo de Israel: “Tereis nojo de vós mesmos por causa das vossas iniquidades e das vossas abominações” (Ez 6.9; 20.43; 36.31).

Depois de vencida a cauterização da consciência e depois de iniciado o processo de restauração, o pecado é visto como de fato ele é. Aquela roupagem mentirosa que esconde a feiúra do delito é retirada e, então, o que se vê é imundícia mesmo. É como Jesus denuncia: o interior dos sepulcros caiados de branco e de aparência bela está cheio de “ossos de mortos e de toda imundícia”, cheio “de hipocrisia e de iniquidade”. Ele está se referindo aos escribas e fariseus de seu tempo (Mt 23.27-28). Paulo fala de “paixões vergonhosas” (Rm 1.26) e Pedro, de “imundas paixões” (2 Pe 2.10). Uma das confissões mais explícitas de toda a Bíblia é esta: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justias como trapo da imundícia” (Is 64.6). Em

Apocalipse, o pecador é chamado de imundo: “Continue o imundo na imundícia” (Ap 22.11, NVI).

A horrível sensação de autojo não é um fim, mas um meio. Não precisa durar muito tempo. Não é para sempre. O jo de si mesmo acaba quando a imundícia é localizada e confessada, quando se obtém em seguida perdão e purificação. Daí a palavra direta de Deus a Israel na época de Isaías: “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos: cessai de fazer o mal” (Is 1.16). Se há alguma coisa que Deus sabe fazer, a purificação da sujeira moral é uma delas: “Ainda que os vossos pecados são como a escarlate, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã” (Is 1.18). Muitos membros da igreja de Corinto possuíam um histórico vergonhoso. Antes de serem alcançados pelo evangelho eram impuros, adúlteros, efeminados, sodomitas, ladrões e bêbados. Mas tudo isso eram águas passadas, porque foram lavados, justificados e santificados em o nome do Senhor Jesus Cristo (1 Co 6.9-11). A partir de então eles eram santuários do Espírito Santo (1 Co 6.19).

Um dos provérbios de Salomão diz que “há pessoas que pensam que são puras, mas a sua sujeira ainda não foi lavada” (Pv 30.12, BLH). São exatamente estas pessoas que necessitam desesperadamente do autojo. Elas são tão impuras que não enxergam a sua sujeira. Precisam sentir o mau cheiro delas mesmas e começar a ter repugnância daquilo que fere a santidade de Deus. Imediatamente depois, devem ouvir o mesmo conselho que Paulo ouviu: “E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele” (At 22.16).

12.

FILHOS DE BELIAL

A última das últimas palavras de Davi foram: “Os filhos de Belial serão todos lançados fora como os espinhos” (2 Sm 23.6).

Quem é este Belial, cujos filhos estão espalhados pelo mundo inteiro e não prestam?

Na verdade, Belial nunca existiu. Não é nome próprio. É um termo abstrato, que significa literalmente “bom para nada” ou “não serve para nada”. Filho de Belial, portanto, quer dizer pessoa sem valor, totalmente inútil, tão ruim que é.

Na tradução de João Ferreira de Almeida, as expressões “filho de Belial”, “homem de Belial” e “testemunha de Belial” aparecem catorze vezes em Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 Reis e Provérbios. Nas línguas originais aparecem mais algumas vezes, porém Almeida traduz como “homens malignos” (Dt 13.13) e “Maligno” (2 Co 6.15).eram expressões corriqueiras, pelo menos na época dos juízes e dos primeiros três reis de Israel (Saul, Davi e

Salomão), de 1385 a 931 a.C. (por mais de 400 anos). Por exemplo, quando Eli julgou que Ana estivesse embriagada, a mulher respondeu: “Não tenhas, pois, a tua serva por *filha de Belial*” (1 Sm 1.16). Tanto um dos empregados de Nabal como sua esposa Abigail disseram que ele era *filho de Belial* (1 Sm 25.17 e 25). Um parente de Saul, chamado Simei, aproveitou-se do infortúnio de Davi para xingá-lo de *filho de Belial* (2 Sm 16.7).

Os filhos de Belial não servem para nada simplesmente porque são horríveis, porque são pessoas moral e tremendamente defeituosas. É por isso que outras versões da Bíblia traduzem as expressões “filhos de Belial” e “homens de Belial” mais abertamente por homens maus, homens imorais, homens ordinários e pessoas de mau caráter (BLH), ou por vagabundos, bandidos, vadios, desonestos, violentos, grosseiros e depravados (BJ). A Tradução Ecumênica da Bíblia é a que usa as palavras mais fortes: idiotas (1 Sm 25.17 e 25), canalhas (2 Sm 20.1), patifes (Pv 6.12) e tratantes (Pv 19.28).

Chama-se de filhos de Belial aqueles rapazes de Gibeá que queriam abusar sexualmente do levita de passagem pela cidade e que acabaram forçando e abusando da mulher dele a noite inteira até matá-la (Jz 19.22 e 20.13). O mesmo nome é dado aos dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, que “não se importavam com o Senhor” e, embora casados, ainda “deitavam-se com as mulheres que serviam à porta da tenda da congregação” (1 Sm 2.12 e 22). O tal marido de Abigail, por ser mau e grosseiro com todo mundo, também recebe o nome de filho de Belial. Bem como aqueles homens que, *a priori*, desprezaram Saul no dia em que foi escolhido o primeiro rei de Israel (1 Sm 10.27) e alguns dos 400 homens de Davi que não quiseram repartir os despojos com os 200 que não puderam ir à guerra por estarem extenuados (1 Sm 30.10 e 22).

No Novo Testamento, Belial equivale a Satanás, adversário de Cristo. Daí a pergunta de Paulo: “Que harmonia (pode haver) entre Cristo e o Maligno (*Beliar*, em grego)?”. Na literatura apocalíptica posterior, Belial é um nome que sintetiza todos os poderes contrários à divindade, é um demônio ou o próprio anticristo. Nas ciências ocultas, Belial é o demônio da desordem, da pederastia e do vício, embora sob traços de grande beleza física¹.

Quais são os filhos de Belial hoje? Ainda são os que não servem para nada. Ainda são os patifes, os vagabundos, os violentos, os imorais, os desonestos, os de mau caráter e os depravados de ontem. São policiais que matam por matar. São traficantes que viciam crianças e adolescentes. São médicos que matam velhinhos e pacientes renais. São lobistas que trabalham contra os oprimidos e a favor dos poderosos. São testemunhas que mentem em juízo. São juízes que põem na rua criminosos de colarinho branco e no xadrez criminosos de cueca. São publicitários que se servem do apetite sexual para aumentar o consumismo. São brancos de extrema direita que incendiam igrejas de negros. São terroristas que explodem bombas. São pensadores, educadores e psicólogos que liberam o amor livre, o homossexualismo, o adultério e o aborto. São pais e mães que se divorciam por qualquer motivo e destroem a estrutura emocional de seus filhos. São homens que seduzem e arrastam mulheres solteiras e casadas para os motéis. São mulheres que seduzem e arrastam rapazes e homens casados para o seu leito. São assassinos que matam sem piedade e simulam suicídio. São governantes que estendem seu domínio sobre outros países por meio da opressão e da guerra. São ministros de Deus que pregam uma coisa e vivem outra. Todos são modernos filhos de Belial.

O ex-filho de Belial não pode mais ser chamado de filho de Belial. Esse foi o erro de Simei, parente de Saul, que se aproveitou de uma situação difícil de Davi para chamá-lo de “homem de sangue, homem de Belial” (2 Sm 16.7). Davi havia se portado como filho de Belial no que diz respeito ao adultério com Bate-Seba e ao assassinato de Urias (2 Sm 11.1-25), mas também já havia confessado seu pecado e alcançado o perdão de Deus, como se lê claramente nos Salmos 32 e 51.

Não podemos ser ao mesmo tempo “filhos de Deus” (Jo 1.12) e “filhos de Belial”. Precisamos romper cada vez mais com Belial e nos comprometer cada vez mais com Deus.

Há muita esperança para os que são “bons para nada”. Pois Jesus veio para buscar e salvar os filhos de Belial e torná-los filhos de Deus (Lc 19.10). Ele não veio para os sãos, que não precisam de médicos, e sim para os filhos de Belial. Ele não veio chamar justos, e sim filhos de Belial ao arrependimento (Lc 5.31-32).

A galeria dos ex-filhos de Belial é enorme e edificante. Lá estão prostitutas (Raabe), mulheres adúlteras (a que foi levada a Jesus), ladrões (o que foi crucificado com Ele), torturadores (Paulo) e bruxos (os de Éfeso). Só na igreja de Corinto havia uma quantidade enorme de ex-filhos de Belial (1 Co 6.9-11). Talvez alguns fossem até presbíteros e diáconos daquela congregação cristã.

É de todo necessário vivermos como filhos de Deus e não mais como filhos de Belial. Na teoria e na prática. Sempre com o auxílio de Deus.

Nota

¹ *Dicionário enciclopédico das religiões*. vol. 1. p. 360.

13.

HÁ PECADO MAIS GRAVE QUE OUTRO?

Há algum tempo um grupo de jovens cristãos discutia sobre pecado. Com base no primeiro capítulo da Epístola de Paulo aos Romanos, tentavam chegar à conclusão de que não há pecado mais grave ou menos grave que outro, já que o apóstolo condena tanto o homossexualismo (1.26-27) como a injustiça, a avareza, a inveja, o homicídio, a contenda, a soberba, a calúnia e outros delitos (1.28-32).

É muito positivo que se chame honestamente o pecado de pecado. Porque as primeiras providências para superar o problema do pecado começam com o reconhecimento explícito dele. Mas é preciso tomar todo cuidado para não diminuir a gravidade de alguns pecados por uma questão de cultura e conveniência. Seja grave ou não, pecado ainda é “qualquer falta de conformidade com a Lei de Deus e qualquer transgressão dessa

Lei”, como reza o *Catecismo Menor*, elaborado pela Assembléia de Westminster, que se reuniu em Londres, de 1643 a 1649.

Certamente há pecados mais graves que outros pecados. A Bíblia tanto fala de “grave aflição” (Ec 6.2), “causa grave” (Êx 18.22), “grave chuva de pedras” (Êx 9.18), “enfermidade grave” (2 Cr 16.12) e “defeito [físico] grave” (Dt 15.21) como de “grave delito” (Gn 26.10), “grave mal” (Ec 5.13), “pecado grave” (Am 5.13), “rebelião grave” (Lm 1.20) e “grave transgressão” (Ez 14.13). Uma das lamentações de Jeremias enfoca essa questão: “Jerusalém pecou gravemente, por isso se tornou repugnante; todos os que a honravam, a desprezam, porque lhe viram a nudez; ela também geme e se retira envergonhada” (Lm 1.8).

As Escrituras Sagradas chegam a mencionar o mais grave de todos os pecados. É o “pecado eterno” (Mc 3.29), o “pecado sem perdão” (Mt 12.32), o “pecado para morte” (1 Jo 5.16). Trata-se do pecado da blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado da rejeição consciente do evangelho, o pecado da “negação total e persistente da presença de Deus em Cristo” (G. M. Burge), o pecado da impenitência final.

Mede-se a maior gravidade de um pecado sobre outro quando se leva em conta o seguinte: 1) o volume de transtornos que esse pecado provoca na vida do próprio pecador; 2) o número de vítimas inocentes atingidas pelo pecado individual; 3) a intensidade do risco de se cair naquele círculo vicioso de que “um abismo chama outro abismo” (Sl 42.7); 4) o tamanho do prejuízo que o pecado causa no testemunho da igreja de Deus.

Além disso é necessário ter em mente que quanto mais responsabilidade tem uma pessoa, mais grave se torna o seu pecado, seja ele qual for. O adolescente

que rouba do supermercado uma barra de chocolate comete pecado. Mas o pastor que rouba um envelope de dízimo do gazofilácio comete pecado muito mais grave, que pode destruir por completo o seu ministério.

Um rapaz e uma jovem que entram em acordo para praticarem o amor livre estão em pecado à luz da lei de Deus, que prevê o saudável exercício sexual sob a proteção do matrimônio. Mas se o mesmo rapaz obriga a moça a se deitar com ele, seu pecado é muito maior.

O adultério mental é pecado, de acordo com o Sermão do Monte (Mt 5.27-28). Mas a efetivação do adultério é muito mais grave, pois envolve outra pessoa e fere profundamente o cônjuge e os filhos traídos. O mesmo se pode dizer da ira e do homicídio (Mt 5.21-22). O primeiro é muito menos grave que o segundo.

A prostituição é pecado, pois trata-se de uma profanação do corpo (1 Co 6.15-20) e de uma comercialização do sexo, mas a prática homossexual é mais grave, porque, além de ser uma relação ilícita, é contrária à natureza (Rm 1.26-27).

A classificação do pecado em grave e menos grave é inevitável e, até certo ponto, saudável. Porém este exercício exige um acentuado critério. Ninguém está livre para cometer pecados “leves”. Muito menos para cometer pecados graves, especialmente o “pecado para a morte”. Todos precisam se resguardar da tentação de considerar o pecado alheio como pecado grave e o pecado próprio como pecado não grave. A gravidade ou não de um pecado não pode ser avaliada por aquele esquema sutil e duvidoso de defesa pessoal e de cultura coletiva.

14.

A FESTA DA MÍDIA E A FESTA DA IGREJA

A mídia se alegra quando alguém sai da igreja e vai para o mundo. A igreja se alegra quando alguém sai do mundo e vem para a igreja.

A mídia se alegra quando alguém comete um escândalo. A igreja se alegra quando alguém vence uma tentação.

A mídia se alegra quando alguém escorrega e cai. A igreja se alegra quando alguém se levanta e anda.

A mídia se alegra quando vê revolver-se na lama a porca lavada. A igreja se alegra quando batiza o pecador arrependido.

A mídia se alegra quando alguém renega sua fé em Jesus Cristo. A igreja se alegra quando alguém professa sua fé em Jesus Cristo.

A mídia se alegra e ganha dinheiro quando coloca, na capa de uma revista, a montagem fotográfica de um padre abraçado com uma prostituta. A igreja se alegra e

gasta dinheiro quando vai atrás de pecadores e meretrizes para falar de perdão e vida nova.

A mídia se alegra quando consegue o aval de mulheres bonitas para posarem nuas em revistas pornográficas. A igreja se alegra quando consegue o aval de mulheres piedosas para cuidarem de aidéticos.

A mídia se alegra quando alguém anuncia a volta de Cristo para tal dia e isso não acontece. A igreja se alegra com a gloriosa esperança do retorno do Senhor em dia e hora que ninguém sabe.

A mídia é igualzinha aos adversários de Davi, como se lê neste Salmo: “Quando tropecei, eles se alegraram e reuniram-se contra mim” (35.15). A igreja é igualzinha ao pastor das cem ovelhas que achou a ovelha perdida, à mulher das dez dracmas que achou a dracma perdida, e ao pai dos dois filhos que achou o filho perdido. O pastor, a mulher e o pai, todos os três, reuniram amigos e vizinhos e se alegraram porque tinham recuperado a ovelha perdida, a dracma perdida e o filho perdido (Lc 15.3-32).

Não tem como fazer as pazes entre a mídia e a igreja. Elas têm filosofias diferentes, propósitos diferentes, públicos diferentes e festas diferentes. Se a mídia valorizar o que a igreja valoriza, ela perde dinheiro. Se a igreja valorizar o que a mídia valoriza, ela perde poder. A mídia alimenta e estimula a pecaminosidade latente. A igreja alimenta e estimula a semelhança de Deus, que ainda resta no homem. A mídia segue a correnteza. A igreja nada contra a correnteza. A mídia é escrava de uma sociedade corrompida. A igreja é escrava da Revelação. A mídia é, ao mesmo tempo, causa e consequência da depravação humana. A mídia aponta para a porta larga e o amplo caminho, cheio de gente, que leva à perdição. A igreja aponta para a porta estreita e o apertado caminho, quase vazio, que leva à vida (Mt 7.13-14).

15.

O PROVÉRPIO DAS UVAS VERDES

Na época dos profetas Jeremias (626-587 a.C.) e Ezequiel (593-573 a.C.) havia um provérbio muito conhecido: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram” (Jr 31.29; Ez 18.2). Em outras palavras: o sofrimento ou o comportamento de uma pessoa é assim por causa de seus pais.

O provérbio é em parte verdadeiro porque Deus visita “a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que o aborrecem” (Êx 20.5). Já que vivemos todos juntos num só mundo, qualquer violação da lei de Deus numa geração há de afetar as gerações seguintes. Até hoje a África sofre as conseqüências do imperialismo praticado pela Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Portugal no final do século XIX.

Alguns dos nossos pais comeram as uvas verdes da poluição ambiental e agora seus filhos têm câncer de pele. A mãe ingeriu álcool e fez uso do tabaco durante a gravidez de um bebê, que ela gerou de um marido infiel e portador de doenças sexualmente transmissíveis, e deu à luz uma criança mal formada para o resto da vida.

Ao mesmo tempo, o provérbio das uvas verdes é um desastre, porque pode levar ao desânimo, à irresponsabilidade e ao fatalismo, quando se diz ou se pensa: “Meu pai comeu uvas verdes e eu estou definitivamente condenado a ter dentes embotados”. O comportamento do pai ou da geração anterior passa a ser mais do que uma explicação. Torna-se uma desculpa que afasta qualquer iniciativa de mudança.

Era neste espírito que os judeus do exílio citavam o funesto provérbio. E, por esta razão, tiveram de ouvir a seguinte palavra: “Tão certo como Eu vivo, diz o Senhor Deus, jamais direis este provérbio em Israel” (Ez 18.3).

Para combater o mau uso do provérbio das uvas verdes, o profeta fala de uma família de três gerações (Ez 18.1-32).

O pai era um homem justo, que não praticava o que a lei de Deus proibia. Levava uma vida de obediência, de negação de si mesmo e de vitória sobre as tentações. Por ter este estilo de vida, “o tal justo certamente viverá” (18.5-9).

O filho, não obstante ter recebido uma excelente influência desde o berço, tornou-se ladrão e derramador de sangue. Não cumpriu os deveres que a lei de Deus impunha. Optou por uma vida solta, descompromissada, leviana e de exaltação de si mesmo. Tal homem “não viverá” (18.10-13).

O neto, não obstante ter recebido uma péssima influência desde o berço, não fez o que a lei de Deus proíbe. Escolheu uma vida de disciplina e negação de si mesmo. O tal “não morrerá pela iniquidade de seu pai; certamente viverá” (18.14-18).

Como se vê, o velho provérbio não funcionou nessa relação familiar de três gerações: “O filho não levará a iniquidade do pai nem o pai a iniquidade do filho” e “a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este” (18.20). A responsabilidade é rigorosamente pessoal. Se algum dia o justo se desviar de sua justiça e imitar o perverso em suas abominações, certamente morrerá, e “de todos os atos de justiça que tiver praticado não se fará memória” (18.24). Ele é responsável pelo que faz.

Se algum dia o perverso se converter de todos os pecados que cometeu e fizer o que é reto, certamente viverá, e “de todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele” (18.21). Ele é responsável pelo que faz.

O caminho está aberto para a conversão, porque Deus não tem prazer na morte de ninguém. O que Ele deseja — e tornou possível — é que o perverso se converta dos seus caminhos e viva (18.23 e 32).

Tanto a morte do perverso como a vida do justo é por “eras que tombam sobre eras numa eterna sucessão”.

É preciso tomar cuidado com o provérbio das uvas verdes e com os seus substitutivos!

16.

A GUERRA DOS DESEJOS

O homem é um ser que deseja, que tem vontade própria e que se realiza à medida que seus desejos se satisfazem. Há desejos fortes e desejos fracos, desejos permanentes e desejos passageiros, desejos nobres e desejos vis. As pessoas que mais se destacam, tanto na virtude como na maldade, em geral têm desejos muito fortes e derrubam todos os obstáculos para alcançá-los.

Dentro de todos nós há uma guerra de desejos, uma guerra interna, uma guerra de desejos antagônicos, uma guerra feia e permanente, ora mais feroz ora mais branda.

De um lado, há o desejo de comer as comidas do Egito, o desejo de se deitar com a mulher de Urias, o desejo de estrangular o ofensor, o desejo de ser amada pelo marido de outra mulher, o desejo de espalhar notícias falsas para denegrir o desafeto, o desejo de não levar desaforos para casa, o desejo de não servir a ninguém e de não repartir coisa alguma, o desejo de ajuntar tesouros exclusivamente sobre a terra, o desejo de

soltar palavras e muitos outros desejos da mesma linha e do mesmo peso.

De outro lado, há o desejo de pagar o mal com o bem, o desejo de perdoar até setenta vezes sete, o desejo de ser sal da terra e luz do mundo, o desejo de ser limpo de coração, o desejo de crucificar o eu e espancar a carne, o desejo de seguir a Jesus até a prisão ou até a morte, o desejo de se alimentar espiritualmente, o desejo de anunciar o evangelho até os confins da terra, o desejo de distribuir com os pobres e necessitados a metade de nossos bens, o desejo de amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos e muitos outros desejos da mesma linha e do mesmo peso.

São desejos opostos entre si. Satisfazemos um ou outro. Não os dois ao mesmo tempo. Vai depender do volume do temor do Senhor de que estamos possuídos, dos últimos estímulos recebidos e da força do ideal que tem tomado conta de nós.

Temos ora fortes desejos de acertar, ora fortes desejos de errar. Dificilmente eles têm o mesmo peso no mesmo espaço de tempo. Às vezes predomina o desejo de acertar, às vezes predomina o desejo de errar.

O desejo de acertar encontra sérios obstáculos, que Paulo enumera em sua Epístola aos Efésios (2.1-3). O primeiro é a vontade da carne, o segundo é a cultura mundana, o terceiro é a oposição satânica. Eles agem independentemente ou juntos. Têm uma força tremenda e são responsáveis por todo o mal que há no mundo.

Em compensação, o desejo de errar também encontra uma enorme barreira. A maior delas é a atuação do próprio Espírito de Deus: "O Espírito milita contra a carne" (Gl 5.17). Não é só a carne que milita contra o Espírito. Muitos outros elementos se juntam ao Espírito

para dificultar, embaraçar ou impedir o completo desvario do pecado: o temor do Senhor, o não-conformismo da nova natureza implantada em nós em virtude do novo nascimento, os compromissos anteriormente assumidos com a luz, o respeito pela Palavra de Deus, a consciência devidamente alimentada, a visão mais profunda e mais sábia da vida, a lembrança das miragens anteriores, o patrimônio moral e espiritual até então acumulado, o medo da doença e da morte, a repreensão da igreja e dos irmãos e a certeza do juízo final. As inúmeras tentativas de acabar com a lei e a ordem estabelecidas pelo próprio Deus serão sempre infrutíferas. Deus não solta de suas mãos as rédeas. O governo é dele.

Tanto o bem como o mal se detêm diante da vontade humana e tentam atraí-la ou dobrá-la. No Éden, por exemplo, tanto Deus como a serpente respeitaram a vontade da mulher. Deus não pôs uma cerca eletrificada em torno da árvore da ciência do bem e do mal, nem a serpente enfiou à força o fruto proibido na boca da mulher (Gn 3.1-7).

A vontade humana é uma barreira tremenda. Ora para as forças do bem, ora para as forças do mal.

17.

ENTRE O APÓSTOLO PAULO E O MARQUÊS DE SADE

Não é justo colocar o apóstolo Paulo ao lado do Marquês de Sade, o escritor francês Donatien Alphonse François, nascido em Paris em 1740. Não é justo porque Paulo é um santo e Sade um obsceno. Não é justo porque Paulo aprendeu e ensinou a técnica de crucificar as coisas da carne e Sade lutou para que a corrupção se estendesse a todos os campos sociais, familiares e sexuais. Não é justo porque as cartas de Paulo dignificam o ser humano e as obras de Sade são tão obscenas, que algumas delas só foram publicadas 90 anos depois de sua morte, em 1814. Não é justo porque a loucura de Paulo não era doentia — “Somos loucos por causa de Cristo” (1 Co 4.10) — e a loucura de Sade era patológica — ele passou os últimos 11 anos de vida num asilo de loucos. Não é justo porque, embora ambos tenham sido presos várias vezes e produzido parte de suas obras

na cadeia, as prisões de Paulo foram por causa de sua coragem de pregar o evangelho e as de Sade, por causa de sua conduta libertina. Não é justo porque a obra de Paulo até hoje estimula a repressão de instintos baixos e a de Sade estimula a liberação dos mesmos instintos.

Há apenas um ponto em comum entre Paulo e Sade: ambos diziam que o homem é corrupto em sua essência. Mas a maneira de lidar com esta verdade diferencia tremendamente os dois pensadores. O apóstolo lamentava o fato e o marquês se agradava dele. O apóstolo lutou contra a propensão pecaminosa e o marquês a ela se entregou de corpo e alma. O apóstolo descobriu que a depravação foi provocada pela queda do homem e o marquês dizia que os atos criminosos e as anormalidades sexuais são naturais ao comportamento humano. O apóstolo buscou solução para o problema na entrega incondicional ao senhorio absoluto do Espírito e o marquês, na entrega incondicional ao senhorio da carne. O apóstolo condenou a satisfação da natureza corrupta do homem e o marquês experimentou e formalizou novas técnicas de perversão sexual.

Enquanto Paulo na prisão, lá pelo ano 62, escreveu sobre as alegrias no Senhor (Fp 4.4), Sade, em 1791, também na prisão, escreveu sobre as infelicidades da virtude. Não há como não dissociar um do outro e apresentá-los separadamente como modelos de vida definitivamente opostos entre si, tanto quanto são opostos entre si a carne e o Espírito (Gl 5.17). Paulo é o profeta do Espírito e Sade é o profeta da carne. Ambos têm inúmeros seguidores até hoje. O primeiro legou-nos a teologia paulina e o segundo, o sadismo. Paulo ordena: “Nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências” (Rm 13.14). Sade, naturalmente,

diria o contrário: “Nada disponhais para o Espírito, no tocante às suas asneiras”.

É preciso escolher entre o apóstolo e o marquês, o que vale dizer, entre o fruto do Espírito e as obras da carne.

18.

É MELHOR ESCOLHER O LADO

Não era de se esperar que um muçulmano não-praticante, considerado herético e blasfemo por outros muçulmanos e ainda arbitrariamente condenado à morte pelo aiatolá Khomeini, escrevesse uma palavra tão certa e tão atual no seu polêmico livro *Os versos satânicos*: “As linhas de batalha estão se formando. O secular contra o religioso, a luz contra a escuridão. É melhor escolher o lado”.

Até parece a voz de Elias no Monte Carmelo: “Até quando vocês vão ficar em dúvida sobre o que vão fazer? Se o Eterno é Deus, adorem o Eterno; mas, se Baal é Deus, adorem a Baal!” (1 Rs 18.21, BLH).

Até parece a voz de Josué em Siquém: “Se vocês não querem ser servos do Eterno, decidam hoje a quem vão servir. Resolvam se vão servir os deuses que os seus antepassados adoraram na terra da Mesopotâmia ou os deuses dos amorreus, na terra de quem vocês estão morando agora. Porém eu e a minha família serviremos ao Deus Eterno” (Js 24.15, BLH).

Até parece a voz do próprio Jesus: “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro” (Mt 6.24, NVI).

Até parece a voz de Paulo: “Os que vivem como a natureza humana quer têm as suas mentes controladas por ela. Mas os que vivem como o Espírito de Deus quer têm as suas mentes controladas pelo Espírito. Ter a mente controlada pela natureza humana produz morte; mas ter a mente controlada pelo Espírito produz vida e paz. Por isso o ser humano se torna inimigo de Deus quando a sua mente é controlada pela natureza humana” (Rm 8.5-7, BLH).

Em se tratando dessa constante batalha entre o secular e o religioso, entre a luz e a escuridão — palavras usadas pelo escritor indiano naturalizado inglês Salmon Rushdie — o vocabulário bíblico é riquíssimo. Diz-se o mesmo com outros jogos de palavras, que transmitem sempre duas idéias opostas.

A opção é entre o bem e o mal. Entre Deus e os demônios. Entre a linhagem de Sete e a linhagem de Caim. Entre o céu e o inferno. Entre a vida e a morte. Entre a bênção e a maldição. Entre a salvação e a perdição. Entre o puro e o imundo. Entre o certo e o errado. Entre a santidade e a dissolução. Entre a fé e a incredulidade. Entre o trigo e o joio. Entre a casa construída sobre a rocha e a casa construída sobre a areia. Entre a fé com obras e a fé sem obras. Entre Jesus e Barrabás. Entre o fruto do Espírito e as obras da carne. Entre o novo homem e o velho homem. Entre os justos e os ímpios.

A Bíblia não somente apresenta os dois lados da eterna questão sob vários ângulos, como também insiste numa resposta pessoal e intransferível, do tipo “Resolva hoje a quem você vai seguir”.

Certa ocasião, logo após a retirada de muitos dos seus discípulos, Jesus perguntou de chofre aos doze apóstolos: “Porventura quereis também vós outros retirar-vos? Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna; e nós temos crido e conhecido que Tu és o Santo de Deus” (Jo 6.67-69). Importa-nos escolher o lado certo e também permanecer nesse lado, sejam quais forem as dificuldades costumeiras ou emergentes.

Em 1971 alguém bateu uma foto do Presidente Jânio Quadros que entrou para a história por ser muito curiosa. O presidente estava com o pé esquerdo voltado para frente, o pé direito e o corpo voltados para um dos lados e a cabeça voltada para trás. A frase do autor de *Os versos satânicos* bem poderia ser a legenda dessa estranha foto: “É melhor escolher o lado”.

SEGUNDA PARTE

COMO LIDAR COM A
PECAMINOSIDADE LATENTE

19.

UMA SACUDIDA NA ÁRVORE GENEALÓGICA DE JESUS

Em sua coluna no *Jornal do Brasil*, o escritor Luís Fernando Veríssimo faz uma solene pergunta: “Que tipos cairiam à nossa volta se déssemos uma boa sacudida em nossas respectivas árvores genealógicas?”.

Geralmente escondemos do grande público o nome do ancestral próximo ou remoto que teve ligação com algum escândalo, algum crime ou com algum tipo de enfermidade, tais como loucura, sífilis, hanseníase e, agora, Aids. Não queremos que ninguém saiba que um de nossos avós, bisavós ou tetravós foi bandido, assassino, prostituta, homossexual, alcoólatra ou doente mental.

Mas isso não acontece com Jesus. Em sua árvore genealógica aparece o nome de algumas pessoas relacionadas com escândalos muito graves. Se citarmos apenas nomes femininos, encontraremos na ordem

cronológica, dos mais próximos aos mais distantes, quatro mulheres: Bate-Seba, Rute, Raabe e Tamar.

Bate-Seba era esposa de um oficial do exército de Israel, na época de Davi. Na ausência do marido, que estava servindo a pátria como militar, Bate-Seba cometeu adultério com o próprio rei, que a deixou grávida. É bem provável que ela tenha sido omissa no intento de Davi em tirar a vida de seu marido por meio de um “acidente” de guerra. Uma vez viúva e casada com o rei, Bate-Seba tornou-se mãe de Salomão, do qual desce Jesus (2 Sm 11.1-12.25).

Rute era mulher exemplar, embora não israelita. Descendia de uma união incestuosa, de Ló e sua filha mais velha (Gn 19.30-38). Seus ascendentes foram usados por Balaão para provocar uma das maiores bacanais da história, o que motivou a morte de 25.000 israelitas durante o êxodo (Nm 25.1-15; 1 Co 10.8). Todavia ficou famosa pelo que declarou à sogra: “O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (Rt 1.16). Ela se casou em segundas núpcias com Boaz e veio a ser bisavó de Davi.

Raabe era uma conhecida prostituta em Jericó, a meio do caminho entre Jerusalém e o Mar Morto. Fez amor com muitos homens em troca de alguma coisa. Converteu-se ao monoteísmo e casou-se com um judeu chamado Salmon, de quem teve um filho (Js 2.1-21, 6.15-25; Hb 11.31). O filho de Salmon e Raabe era exatamente o marido da já citada Rute.

Tamar era viúva duas vezes, de dois filhos de Judá, por sua vez filho de Jacó e Lia. Ela sentiu-se prejudicada pelo sogro e resolveu se vingar. Fingiu-se de prostituta, atraiu o sogro, coabitou com ele e engravidou-se dele. Quando Tamar foi denunciada como adúltera, Judá mandou que ela fosse queimada. Aí veio o escândalo

maior, pois Judá até então não sabia que a tal prostituta era sua nora e que o filho que ela estava esperando era seu próprio filho (Gn 38.1-30). Jesus não descende de José, o melhor de todos os filhos de Jacó, mas de Judá, talvez o mais ordinário de todos.

Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba aparecem juntas com a mãe do Salvador na genealogia de Jesus, na primeira página do Novo Testamento (Mt 1.1-17).

Aparecem juntas no famoso sermão do reformador suíço Ulrich Zwinglio (1482-1531), pregado na Catedral de Zurique, na entrada do Ano Novo de 1519.

Estão juntas nas esculturas de bronze colocadas na porta dessa mesma catedral, construída no século XI.

A genealogia de Jesus proclama o velho mote de Paulo: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5.20).

20.

PERDÃO E CASTIGO, UMA CONVIVÊNCIA NECESSÁRIA

O perdão existe. É o resultado da graça de Deus. Custou um preço além de qualquer medida: a encarnação e o sacrifício de Jesus Cristo. Sem a expiação dos pecados realizada cabalmente por Jesus não haveria perdão nem salvação. Nem antes nem depois do primeiro ano da era cristã.

O perdão divino é ao mesmo tempo extremamente fácil e extremamente difícil. É fácil porque já foi providenciado, tornado possível e prometido: “Deus em Cristo nos perdoou” (Ef 4.32). É difícil porque exige convicção de pecado, arrependimento e conversão (mudança de comportamento) da parte do pecador: “Deixe o perverso o seu caminho, e o iníquo os seus pensamentos, converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Is 55.7).

Não se pode brincar com o perdão divino. Deus não se deixa enganar. Não faz concessões ao pecado. Não deixa de ser severo, mesmo sendo riquíssimo em misericórdia (Ef 2.4). Ele ainda é tremendo e temível (Sl 89.7). Não se pode em absoluto abusar da graça de Deus permanecendo no pecado (Rm 6.1).

Exagera-se quando se diz ou quando se pensa que o perdão de Deus é como uma varinha de condão que isenta o pecador de todas as suas estipulias. O que a Bíblia diz é exatamente o contrário: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6.7).

Mesmo quando há arrependimento e confissão, Deus perdoa a culpa mas não afasta as conseqüências da ação pecaminosa. Mais grave ainda é o fato de que não é só o transgressor que sofre tais penas, mas também seus familiares e a própria sociedade. O rei Davi acabou assumindo o adultério com Bate-Seba e o assassinato de Urias e alcançou o perdão de Deus, mas não se livrou do escândalo, da morte da criança, da repercussão negativa de seu pecado e de muitos outros transtornos de não pouca duração.

Por mais contraditório que pareça, o perdão convive com o castigo. Além do caso de Davi, há o caso de Israel, quando se rebelou ostensivamente contra Deus e contra Moisés, logo após o regresso dos doze espias enviados à terra de Canaã. Graças à intercessão de Moisés, o povo obteve o perdão de Deus (Nm 14.19-20). O perdão, todavia, não afastou uma série de castigos temporais: a morte dos dez espias que infamaram a terra de Canaã e a resolução de que nenhum dos homens que, tendo visto a glória e os prodígios de Deus no Egito e no deserto, todavia pecaram contra Ele, sequer veriam a terra prometida. Para que isso acontecesse, o

povo eleito teve de peregrinar no deserto por quarenta anos, até que todos morressem, e então teriam “experiência do meu desagrado”, como disse o Senhor (Nm 14.34).

Se o perdão mostra a bondade de Deus, o castigo revela a sua severidade. Tanto o amor como a justiça são atributos perfeitos do mesmo Deus. A severidade de Deus é para com os que caem, mas a bondade de Deus é para com os que permanecem na graça (Rm 11.22).

21.

NÃO É VERDADE QUE “PAU QUE NASCE TORTO TARDE OU NUNCA SE ENDIREITA”

Nenhum teólogo, em qualquer tempo, foi tão feliz quanto João na apresentação da divindade de Jesus Cristo. Com uma clareza enorme e sem forçar coisa alguma, o apóstolo coloca a verdade total dentro de apenas 200 palavras no prólogo do seu Evangelho. É a condensação mais bem feita de que se tem notícia, do mais importante tema do cristianismo. A naturalidade com que João afirma que “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... e o Verbo se fez carne” (Jo 1.1 e 14) revela uma convicção segura, alegre e tranqüila.

Mas não se deve pensar que o apóstolo já nasceu assim ou assimilou essas coisas em seu primeiro

contato com Jesus Cristo. De forma alguma. João deu trabalho ao seu Senhor, fez observações erradas, recebeu reprimendas, preocupava-se demasiadamente com a sua posição pessoal e era de índole intolerante.

A carreira religiosa de João começou quando Jesus, caminhando junto ao mar da Galiléia, chamou-o para ser seu discípulo, convite endereçado também, na mesma ocasião, ao seu irmão Tiago e aos irmãos Simão e André. Os quatro eram sócios de uma empresa de pesca (Lc 5.10), da qual fazia parte também seu pai Zebedeu (Mc 1.20). Jesus garantiu aos quatro que os faria pescadores de homens e, de fato, levou ao bom termo o seu intento. O ensino foi mais prático do que teórico. João viu coisas admiráveis e inadmissíveis, ouviu palavras jamais proferidas por homem algum (Jo 7.46).

Quando Jesus acalmou o mar encapelado, o filho de Zebedeu juntou-se aos demais e perguntou: “Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?” (Mt 8.27). Em outra feita, quando Jesus andou por sobre a superfície líquida e se aproximou do barco açoitado pelas ondas, João pensou que se tratava de um fantasma. Mas, juntamente com os outros, mudou de idéia, adorou-o e exclamou: “Verdadeiramente és Filho de Deus!” (Mt 14.22-33). Por duas vezes, ele viu Jesus multiplicar estranha e modestamente um número miserável de pães e peixes para alimentar, no deserto, cerca de 9.000 homens, “além de mulheres e crianças” (Mt 14.13-21 e 15.32-39). Ele soube do caso do peixe que engoliu o estáter (a mesma tetradracma, assim denominada porque era uma moeda de quatro dracmas) e que foi fisgado pelo anzol de Pedro, em obediência a Jesus e para resolver um problema de urgência — o pagamento do imposto das duas dracmas por parte de

Jesus e do próprio Pedro (Mt 17.24-27). João viu Jesus em glória no monte da transfiguração e ouviu a voz que dizia: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo: a Ele ouvi” (Mt 17.5). Ele e Pedro ficaram impressionados com a sucessão dos eventos na ordem predita por Jesus, quando ambos foram a Jerusalém para preparar a Páscoa: o homem com o cântaro de água, a casa em que ele entrou e o espaçoso cenáculo mobiliado (Lc 12.7-13). E, finalmente, na madrugada da ressurreição, João se enfiou dentro do sepulcro e viu os lençóis de linho e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus: viu e creu (Jo 20.1-10). Depois disso tudo, e de muitas outras coisas que Jesus fez, mas foram omitidas no relato, porque “nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (Jo 21.25), é natural que João diga que Jesus “estava no princípio com Deus” e que “todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem Ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.2-3). Esse mesmo Jesus era Deus, e “se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.1 e 14; 1 Jo 1.1-3).

João e seu irmão Tiago tinham temperamento forte que precisava de controle e correção. Jesus os chamou de Boanerges, palavra de derivação incerta que quer dizer “filhos do trovão”, fato registrado apenas no Evangelho segundo Marcos (3.17).

Enquanto o sobrenome Pedro dado a Simão por Jesus tornou-se corrente (não há outro Pedro na Bíblia), o apelido Boanerges para os filhos de Zebedeu parece que não pegou. Talvez porque Cefas (em aramaico) ou Pedro (em grego) veio a ser de fato uma pedra no grande edifício da igreja e os Boanerges, especialmente João, deixaram de ser filhos do trovão. O fato de Jesus

chamar os dois irmãos de Boanerges deve ter provocado graça entre os demais, que os conheciam muito bem.

Apesar de João ser menos falador do que Pedro, verifica-se o seu *boanergismo* em pelo menos duas ocasiões. Certa vez, naturalmente achando que fazia grande vantagem, relatou a Jesus: “Mestre, (nós) vimos um homem que em teu nome expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco” (Mc 9.38). Esta iniciativa de João, imediatamente cortada pelo Senhor, mostrou-se ridícula, especialmente porque, pouco antes, seus companheiros não puderam expelir o espírito mudo e surdo de um jovem possesso (9.18). Nesse incidente, o filho de Zebedeu mostrou-se tremendamente sectarista e intolerante. Jesus ordenou que ele voltasse atrás na providência descabida: “Não lho proibais, porque ninguém há que faça milagre em meu nome e logo a seguir possa falar mal de mim” (9.39). De outra feita, com uma simplicidade incrível, João e Tiago, diante da recusa de hospedagem por parte de uma aldeia de samaritanos, perguntaram a Jesus: “Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?” (Lc 9.54). Os dois Boanerges estariam sob a influência da história de um episódio da vida de Elias, quando fogo do céu desceu e consumiu 100 soldados e seus capitães (2 Rs 1.9-16). Além da violência da medida sugerida, contrária ao espírito de Cristo, a presunção de fazer descer fogo do céu foi fora de série. Jesus os repreendeu, explicou que não veio para destruir, mas para salvar, e partiu para outra aldeia.

É inacreditável que “o discípulo amado” (Jo 19.26) se deixasse levar também pelo desejo de aparecer e ocupar posições de destaque. A paz do colégio apostólico era quebrada frequentemente por discussões “sobre qual

deles seria o maior” (Lc 9.46 e 22.24). Numa delas, a controvérsia se processou entre os discípulos durante a viagem para Cafarnaum. Ao chegar, Jesus os interrogou: “De que é que discorriéis pelo caminho?”. Mas eles guardaram silêncio, envergonhados, porque “havam discutido entre si sobre qual era o maior” (Mc 9.33-37). Marcos conta que, certa ocasião, os dois Boanerges se aproximaram de Jesus e, com grande ingenuidade, pediram-lhe: “Permite-nos que na tua glória nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda” (Mc 10.37). Mateus diz que o pedido foi formulado pela mulher de Zebedeu, acompanhada de Tiago e João (Mt 20.20-28). A família estava unida nessa questão de grandeza e honraria. Sabendo disso, os dez, inclusive os dois ex-sócios da empresa de pesca, “indignaram-se contra os dois irmãos” (Mc 10.41).

O convívio com Jesus e a progressiva absorção do espírito daquele “que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28), acabaram com o *boanergismo* e as ambições de superioridade de João. A tempestuosidade do ex-filho do trovão foi de todo excluída ou permaneceu sob controle. O autor do quarto Evangelho, das três cartas que levam o seu nome e do Apocalipse não parece ser o João dos sinóticos. Esses escritos estão repletos de “amemo-nos uns aos outros” (1 Jo 3.11 e 23; 4.7, 11 e 12), e os leitores não são chamados de irmãos, mas de “filhinhos” (nove vezes em 1 João) ou “amados” (seis vezes em 1 João e quatro em 3 João). A modéstia substitui o desejo de aparecer: João não menciona nem uma vez o seu nome no quarto Evangelho, e quando se refere a ele, usa expressões vagas, como “um dos seus discípulos” (13.23 e 25), “o outro discípulo” (18.15-16; 20.2-8), “o discípulo amado” (19.26; 21.20 e 23). Não conta

aqueles fatos da vida de Jesus em que ele, seu irmão Tiago e Pedro estão com o Senhor, sendo a transfiguração um deles. Em contrapartida, é o único a registrar a história do encontro de Jesus com a mulher samaritana e a conversão de muitos samaritanos residentes em Sicar (4.1-42), deixando uma impressão diferente daquela contida em Lucas (9.51-56), quando ele queria derramar fogo do céu sobre uma aldeia de Samaria.

A transformação de João ensina-nos que as duas coisas — fé e vida — andam juntas e uma depende da outra. Encoraja-nos também a não fazer do provérbio “Pau que nasce torto tarde ou nunca se endireita” uma lei inflexível, pois a convivência com Jesus e a vontade de mudar continuam a fazer maravilhas!

22.

PLÁSTICA NO CARÁTER

Ao contrário do que escreveu o pessimista brasileiro Millôr Fernandes, de que só há plástica no rosto, no seio, nas nádegas, na careca e na papada “e nenhum Pitangui para inventar uma plástica no caráter” — existe, sim, um Deus que faz plástica no caráter. Não há termos de comparação entre este Deus e Ivo Pitangui ou qualquer outro cirurgião plástico. Deus conhece o modelo original, que saiu de suas próprias mãos, à sua imagem e semelhança.

Aos que não guardaram essa imagem e semelhança de Deus, aos que se extraviaram, aos que se corromperam, aos que se meteram em muitas complicações, aos que aprenderam a fazer coisas vergonhosas, aos que perderam o pudor, aos que se acostumaram com a sujeira, aos que são dependentes de bebidas alcoólicas e psicotrópicos, aos que praticam relações sexuais contrárias à natureza, aos que estão deformados pelo vício, aos que não encontram mais graça nem beleza em coisa

alguma, aos que desceram todos os níveis da degradação, aos que se acham perdidos, aos que chegaram ao fundo do poço, aos que não têm mais caráter — há diante deles um letreiro luminoso que anuncia uma formidável plástica no caráter:

“Venham, vamos discutir o assunto até o fim! Por mais fundas e feias que sejam as manchas dos pecados que vocês cometeram, eu posso limpar essas manchas completamente! Vocês ficarão limpos e brancos como a neve que acabou de cair. Mesmo que seus pecados sejam vermelhos como sangue, eu os deixarei brancos como cal! Se ao menos vocês me deixassem ajudar, se ao menos vocês me obedecessem, poderiam viver, ricos e felizes, na terra”. (Is 1.18-19, BV.)

Um dos objetivos da salvação é reverter o quadro em que nos encontramos e fazer-nos recuperar a beleza original e levar-nos de volta a Deus. Daí a declaração do autor da Segunda Epístola aos Coríntios: “Somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (3.18). O fato de esse anúncio ser primeiramente dirigido aos coríntios é muito significativo. Porque a cidade grega de Corinto era acentuadamente corrupta. Eles valorizavam a realização total do indivíduo, não importando o tipo de desejo e as restrições que deveriam levar em consideração. Alguns membros da igreja ali estabelecida por Paulo tinham ido muito longe na prática do mal. Entre eles havia ex-alcoólics, ex-ladrões, ex-adúlteros, ex-efeminados e ex-sodomitas (1 Co 6.9-11). Mesmo depois de convertido, certo homem teve o atrevimento de possuir a mulher do próprio pai (1 Co 5.1).

A esperança de um retorno à posição anterior não aparece apenas nas Epístolas aos Coríntios. Na Epístola aos Filipenses, o apóstolo volta ao assunto e declara

que Cristo “transformará os nossos corpos fracos e mortais e os tornará como o seu próprio corpo glorioso, usando para isso o seu poder, que faz tudo ficar debaixo do seu governo” (Fp 3.21, BLH). O apóstolo João trata do mesmo assunto quando explica que “agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, pois o veremos como Ele é” (1 Jo 3.2, NVI).

O que nos espera não é apenas uma plástica no caráter. Trata-se de uma renovação total do caráter, do comportamento, da santidade, da perfeição, da postura, da honra, do poder, da glória e do próprio corpo. A essa altura estaremos livres não só da culpa e do poder do pecado, mas também da presença do pecado, tanto do pecado de dentro para fora como do de fora para dentro. A operação se dará quando nossos atuais corpos se revestirem da incorruptibilidade e da imortalidade, seja pela súbita transformação dos vivos, seja pela ressurreição dos mortos (1 Co 15.50-58).

23.

ALINHAMENTO

Em 1982 houve o chamado alinhamento dos planetas, um fenômeno raro da astronomia, que colocou na mesma linha sete dos nove planetas do sistema solar. Apesar das diferenças de tamanho, distância e translação em redor do Sol, os planetas Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno coincidentemente se apresentaram alinhados num mesmo lado do Sol, numa superconjunção raríssima. Apenas Mercúrio, o mais próximo (a 58 milhões de quilômetros do Sol) e Plutão, o mais distante (a 6 bilhões de quilômetros), não se encontravam nesta admirável formação. Embora, poucos dias depois, Mercúrio tenha se alinhado, mas já sem a presença de Vênus, que se afastara da posição anterior. A linha reta se estendia do Sol a Netuno e media cerca de 5 bilhões de quilômetros.

Esse extraordinário fenômeno da natureza faz-nos lembrar de outro alinhamento, não muito comum nem gerado pela mecânica do universo. Trata-se do difícil

alinhamento do ser humano com Deus, uma posição que depende em grande parte da vontade humana.

Esse alinhamento já existiu. Era perfeito. Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem sentia-se em casa na presença do bondoso e poderoso Criador. Essa situação estendeu-se até a queda, à desobediência, à perda da inocência. Depois de pecar, o homem desalinhou-se. De repente, ele se encontrou desajeitado, desorganizado, contrafeito e até medroso. Por ter perdido a naturalidade, ele se viu nu, escondeu-se por entre as árvores do jardim e temeu a presença de Deus. As outras conseqüências aumentaram o sofrimento humano e foram transmitidas de geração em geração. É horrível e complexa a situação do não alinhado.

Mas Deus não dá o problema por encerrado. Ele possibilita o novo alinhamento. Ele chama o homem e mostra em que bases o alinhamento é possível: “Sede santos, porque Eu sou santo” (Lv 11.44). Deus não desce para se alinhar com o homem aqui embaixo. É o homem que precisa subir para se alinhar com Deus lá em cima. O movimento certo é de baixo para cima e não de cima para baixo. Na famosa parábola de Jesus, é o filho que se levanta do chiqueiro de porcos e volta para a casa do pai, dizendo-lhe: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores” (Lc 15.18-19).

O nosso alinhamento não é impossível. Muitos o conseguem. Naturalmente será necessário crucificar certas vontades contaminadas pelo pecado e por ele comprometidas. Redescobrimos e recuperamos o alinhamento quando há coincidência da vontade própria com “a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Quando

há coincidência nas decisões, como aconteceu no Concílio de Jerusalém: “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...” (At 15.28). Quando procuramos “as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus” (Cl 1.1). Quando buscamos em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, antes de qualquer outro interesse e de qualquer outra necessidade (Mt 6.32). Quando fazemos de coração a vontade de Deus (Ef 6.6). Quando repetimos consciente e coerentemente a oração do Senhor: “Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Quando somos finalmente capazes de declarar ao Senhor: “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei” (Sl 40.8). O alinhamento é uma realidade vivencial quando amarramos os desejos da carne e deixamos soltos os desejos do Espírito.

O resultado do alinhamento recuperado não demora nem surpreende. Porque estamos unidos à Videira verdadeira, não nos faltam a seiva, o verdor, a flor nem o fruto. O alinhamento é tão real e maduro que podemos pedir o que quisermos e nos será feito (Jo 15.1-7). A própria saúde somatopsíquica se beneficia do alinhamento com Deus. O homem alinhado se descobre e consegue reviver as emoções da criação, quando foi feito para glorificar e gozar a Deus. Então ele diz como Abraão Lincoln: “Não me importa que Deus não esteja ao meu lado; o que espero ardentemente é que eu me encontre ao lado dele!”.

24.

CONVERSÃO CONTÍNUA

Prega-se muito pouco sobre conversão. E quando se prega, fala-se mais em conversão de um credo para outro. Conversão é coisa muito mais séria. É a porta de entrada para uma relação nova e definitiva com Deus. O que conta não é deixar de ser católico para ser protestante ou deixar de ser histórico (tradicional) para ser pentecostal. Na verdade, a conversão nada mais é do que o inverso do afastamento de Deus: “Convertei-vos àquele de quem tanto vos afastastes” (Is 31.6).

Converte-se “da maldade” (Jr 18.8), “do mau proceder” (Jr 18.11), “do mau caminho” (Jr 26.3), “de todos os pecados cometidos” (Ez 18.21), “da perversidade cometida” (Ez 18.27), “das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus” (At 26.18) e “dos ídolos para o Deus vivo e verdadeiro” (1 Ts 1.9).

A conversão é uma experiência muito pessoal e não ocorre sem que haja antes uma boa dose de arrependimento. Daí a palavra de Pedro no dia da cura do coxo

de nascença: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados” (At 3.19). Em qualquer lugar e em qualquer tempo o processo é sempre o mesmo: “Deixe o perverso o seu caminho, e o iníquo os seus pensamentos, converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Is 55.7).

Os profetas anunciam constantemente a necessidade de conversão. A pregação deles é nessa direção. O povo precisa emendar os seus caminhos e as suas ações (Jr 18.11). Há uma dose de urgência: “Convertei-vos agora” (Jr 25.5 e 35.15).

Por causa do enfraquecimento desse tipo de pregação, nossas igrejas estão se enchendo de pessoas que nem sempre experimentam a conversão que produz a salvação e a nova vida em Cristo. Muitos procuram a igreja por causa do pão nosso de cada dia, por causa da comunhão fraternal, por causa da música, por causa de enfermidades incuráveis, por causa da pobreza, por causa de maus negócios, por causa de casamentos desfeitos.

Todas essas circunstâncias e estados de espírito podem levar tais pessoas a Deus, mas não dispensam a conversão.

No tempo de Jesus já havia essa dificuldade. Muitos o procuravam por causa dos milagres que Ele operava, para usufruir dos benefícios do seu amor e do seu poder, mas paravam aí. Não se convertiam, não se rendiam a Deus, não mudavam de rumo. Daí Jesus lhes dizer francamente: “Vós me procurais não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes” (Jo 6.26). João registra que “Jesus não confiava neles, porque os conhecia a todos” (Jo 2.24, BJ). É também por essa razão que Jesus nos previne de que no juízo

final Ele mesmo dirá a muitos: “Nunca vos conheci”. A conversão é mais importante que os dons de profetizar, expulsar demônios e realizar milagres. Mesmo que alguém tenha tudo isso no currículo, Jesus será enfático: “Afastem-se de mim, vocês que praticam a iniquidade” (Mt 7.21-23).

Precisamos apertar o nosso discurso. No afã de vermos mais almas “convertidas”, temos feito exatamente o contrário. Estamos dando pouca ênfase ao negar-se a si mesmo, ao tomar dia a dia a cruz e ao seguir os passos de Jesus (Lc 9.23). Pregamos as bênçãos da conversão, mas não os compromissos da conversão. Corremos o risco de alargar a porta e o caminho que Jesus mesmo fez estreitos (Mt 7.13-14).

Existe euforia demais. E muita ingenuidade também. O mundo todo nunca se converterá. O Brasil nunca será de Jesus, nem a Coréia, nem a Guatemala. Em todos os lugares haverá testemunhas fiéis, e o número destes pode e deve crescer, e crescer muito.

A conversão não é só para as prostitutas, para os publicanos, para os adúlteros, para os marginalizados, para os incrédulos, para os idólatras, para os gentios, para os fetichistas, para os muçulmanos, para os hinduístas, para os budistas ou para os antigamente chamados pagãos. Os cristãos, os protestantes, os evangélicos ou os pentecostais também precisam de conversão. Quando se desviam, quando caem em pecado, quando abandonam seu primeiro amor, quando se tornam soberbos. Pois conversão sempre quer dizer voltar para Deus, depois de uma longa jornada de costas para Ele ou depois de qualquer acidente na vida cristã. Daí Jesus ter falado com Pedro, imediatamente antes de sua tríplice negação: “Quando você se converter, fortaleça

os seus irmãos” (Lc 22.32). Daí a palavra de Tiago: quem converter (ou trazer de volta) alguém que se desviou da verdade, “salvará a vida dessa pessoa e cobrirá uma multidão de pecados” (Tg 5.19-22, NVI). Os profetas pregavam arrependimento e conversão, não tanto aos gentios, mas ao povo eleito (Is 31.6; Jr 35.15; Ez 18.30; Os 14.2; Jd 2.13; Zc 1.4).

A conversão não acontece uma única vez. Ela pode ser mais sensível, mais marcante, mais dramática e mais notória quando ocorre pela primeira vez, quando divide em dois tempos a história do pecador (antes e depois da conversão) ou quando arranca o convertido do fundo do poço. Todavia, a conversão precisa acontecer outras vezes, tantas quantas se tornarem necessárias, em virtude da fragilidade humana. Dom Helder Câmara diz que “de conversão nós todos precisamos — e precisaremos até o último dia de vida!”.

25.

DOMÍNIO PRÓPRIO

Sem dúvida alguma, Paulo apreciava falar sobre domínio próprio. Na conversa com o governador Félix e sua mulher Drusila (At 24.25), o apóstolo abordou cuidadosamente três importantes itens, associados entre si: a justiça ou a existência de um padrão de conduta, o domínio próprio ou o meio de alcançar a ordem imposta, e o juízo vindouro ou a reação de Deus para com o fracasso do homem.

Paulo falava sobre esse assunto com autoridade e experiência. Veja-se, por exemplo, esta sua declaração: “Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1 Co 6.12). No capítulo seguinte, discretamente, ele dá a entender que exercia completo domínio sobre o sexo: “Aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo. Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado” (1 Co 7.8-9).

Domínio próprio significa poder para controlar-se, para exercer autoridade sobre desejos e ímpetos, para traçar certos limites e não ir além deles. Não é apenas a negação do que é intrinsecamente mau, mas a renúncia voluntária de certos direitos, se isso for necessário para a consecução de um ideal nobre ou de um resultado maior. Não é assim que os corredores fazem na tentativa de ganhar o prêmio? “Todo atleta em tudo se domina” (1 Co 9.19-27). Os desportistas agem desse modo para alcançar uma coroa de valor relativo quanto ao tempo. Nós devemos fazê-lo tendo em vista uma coroa incorruptível. O apóstolo exercia domínio sobre o seu próprio corpo, reduzindo-o à escravidão.

Davi teve domínio próprio quando rejeitou por duas vezes a interpretação de seus companheiros de que deveria aproveitar as circunstâncias favoráveis para tirar a vida a Saul, seu inimigo gratuito e perseguidor incansável (1 Sm 24.1-7 e 26.6-12). Davi quase perdeu o domínio próprio quando reuniu e armou seus companheiros para se vingar de Nabal (1 Sm 25.32-35). Davi perdeu por completo o domínio próprio quando viu a vizinha tomando banho e ardeu de paixão carnal por ela, ordenando que a mulher de Urias fosse trazida à sua alcova, para que ele se deitasse com ela (2 Sm 11.1-5).

José é um exemplo eloqüente de domínio próprio, ao contrário de Davi no que diz respeito ao adultério. O filho predileto de Jacó recusou seguidamente todos os convites da mulher de Potifar para deitar-se com ela. Não porque não tivesse vontade, mas para não pecar contra seus dois senhores: aquele para quem trabalhava (Potifar) e aquele com o qual tinha compromissos morais muito sérios (o Senhor dos senhores). O domínio próprio o salvou de muitos aborrecimentos (Gn 39.7-12), alguns dos quais são figuradamente listados

por Salomão: o adúltero é “como o boi que vai ao matadouro; como o cervo que corre para a rede, até que a flecha lhe atravesse o coração; como a ave que se apressa para o laço, sem saber que isto lhe custará a vida” (Pv 7.22-23).

É o domínio próprio que amarra o desejo lascivo, a língua, a ira, a vingança, o gênio ruim, a prepotência, a arrogância e os calcanhares-de-aquiles, que nos tornam tremendamente vulneráveis. Por esta razão, uma das virtudes exigidas, especialmente da liderança, é o “domínio de si” (Tt 1.8).

A incapacidade de conter-se, aliada ao egoísmo, à avareza, ao atrevimento, à jactância, ao apego aos prazeres, entre outras coisas, é o que torna os tempos cada vez mais difíceis (2 Tm 3.1-5). Quando a sociedade é formada sobretudo de pessoas sem domínio de si, a vida humana é quase impossível. Para Salomão, o homem sem domínio próprio é “como cidade derribada, que não tem muros” (Pv 25.28).

O domínio próprio vem de Deus. Surge da comunhão com o Senhor e como resultado de exercícios devocionais. É fruto do Espírito (Gl 5.22-23).

26.

SOB NORMAS E NÃO SOB ÍMPETOS

Deus criou o homem e a mulher iguais em tudo, exceto quanto ao aparelho reprodutor. Criou os órgãos reprodutores masculino e feminino, que não se opõem, mas se completam. Criou o interesse mútuo. Criou o amor conjugal (intenso, apaixonado, emocionante, tanto verbal quanto físico). Criou a dependência mútua: o homem precisa da mulher, a mulher precisa do homem. O esquema da criação do sexo não conduz exclusivamente à reprodução da espécie, pelo menos com referência ao gênero humano. O relacionamento sexual tem também a finalidade de proporcionar prazer, satisfação, realização, união íntima e total, a ponto de juntar o homem e a mulher em “uma só carne” (Gn 2.24) ou “um só corpo” (1 Co 6.16). O Cântico dos Cânticos — o melhor dos 1.005 cânticos da lavra de Salomão — exalta o amor conjugal no seu aspecto físico e não a

multiplicação da espécie. “O livro, embora vazado em linguagem por demais ousada para o gosto ocidental, provê um equilíbrio sadio entre os extremos do excesso ou perversão sexual e as negações ascéticas, apresentando a medida justa e essencial do amor físico” — explica D. A. Hubbard.

A incursão do pecado na experiência humana afetou profundamente o homem em todas as direções, inclusive no que diz respeito ao sexo. Ele perdeu a naturalidade (compare Gn 2.25 com 3.8-11), o equilíbrio, o bom senso, o controle e a monogamia original. O apetite sexual tornou-se desordenado, impulsivo, violento e opressivo. Desejos novos, contrários à natureza, surgiram e começaram a exigir satisfação. Por essa razão, já no primeiro livro da Bíblia, encontram-se casos de poligamia (Gn 4.19), homossexualismo (19.1-11), relações sexuais consangüíneas (19.30-38), estupro (34.1-7), prostituição (38.12-19), adultério (39.7-23), indícios de moral dúbia (o que é pecado para a mulher não o é para o homem, como se vê no comportamento de Judá com referência à sua nora Tamar, em 38.24-26) e chantagem sexual (38.12-26). A situação exige a promulgação de leis: dois mandamentos do Decálogo relacionam-se com o sexo — “Não adulterarás” e “Não cobiçarás a mulher do teu próximo” (Êx 20.14 e 17). O povo eleito deveria encarar o sexo diferentemente da sociedade contemporânea: não deveria haver contatos sexuais com homens e mulheres casados, com parentes (madrasta e padraсто, sogra e sogro, nora e genro, irmã e irmão, tia e tio), com pessoas do mesmo sexo (homossexualismo e lesbianismo), com animais (tanto da parte do homem como da parte da mulher) etc. (Êx 22.19; Lv 18.1-30 e 20.10-21; Dt 27.20-23). Uma lei proíbe inclusive a poligamia: “Não tomarás com tua mulher outra, de sorte que lhe seja rival” (Lv 18.18).

Assim, porque o pecado original provocou uma distorção do sexo, o homem é obrigado a viver sob normas e não sob ímpetos. Ele deve beber exclusivamente de sua própria cisterna (Pv 5.15), isto é, “cada um tenha a sua própria esposa e cada mulher o seu próprio marido” (1 Co 7.2). Não importa se é latino ou saxão, se teve educação sexual ou não, se é casado ou solteiro, se é homem ou mulher, se é jovem ou adulto, se vive numa sociedade liberal ou conservadora, se usa preservativo ou não.

Difícil não quer dizer impossível. É difícil o rico entrar no reino de Deus, mas não é impossível, pois “os impossíveis dos homens são possíveis para Deus” (Lc 18.27). É difícil viver uma vida pura, com os impulsos desordenados do sexo, com a promoção das relações sexuais ilícitas, especialmente pela televisão e pela Internet, com o advento da permissividade na década de 60. Todavia é possível mortificar os feitos do corpo pelo Espírito (Rm 8.13). Por conhecer a natureza humana, Deus tem feito provisões que efetivamente ajudam o homem: têm-nos sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, e por meio delas nos tornamos co-participantes da natureza divina, livrando-nos da corrupção das paixões que há no mundo (2 Pe 1.3-6). O Espírito mesmo milita contra a carne e domina-a. Chega a ser impossível satisfazer à concupiscência da carne, se andarmos no Espírito (Gl 5.16-17). Quando alguém vive a vida vitoriosa, a explicação não está numa possível ausência de paixões, mas na obediência às normas, por meio de Cristo. “Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos”, disseram Paulo e Barnabé às multidões de Listra (At 14.15). O evangelho não poderia fornecer as normas sem fornecer também os meios.

27.

A ARTE DE JOGAR O LIXO NO LIXO

Jogamos fora o que está estragado e cheirando mal, o que não nos serve mais, o que está sobrando e incomodando, o que consideramos lixo.

Mas aquilo que é condenado pela lei de Deus, e ainda faz parte de nossa cultura e hábitos, não jogamos fora. É o que acontecia com o povo de Israel: “Ninguém lançava de si as abominações de que agradavam os seus olhos” (Ez 20.8).

Na verdade é muito difícil pôr no lixo o que ainda prezamos, mesmo que seja uma porcaria. Somos como o cão que volta ao seu próprio vômito e como a porca lavada à força que volta a revolver-se no lamaçal (Pv 26.11; 2 Pe 2.22).

O problema é que a marca do verdadeiro cristão é a renúncia continuada de suas paixões: “Os que são de

Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24).

A difícil arte de jogar fora as coisas abomináveis que agradam os olhos é a mesma arte de negar-se corajosamente a si mesmo, como adiantou Jesus: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23).

É a mesma arte de dar cabo às tendências pecaminosas: “Façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a cobiça, que é idolatria” (Cl 3.5, NVI).

É a mesma arte de morrer com Cristo, como aconteceu com Paulo: “Estou crucificado com Cristo” (Gl 2.19).

É a mesma arte de despojar-se de uma bagagem perniciosa: “Agora abandonem todas estas coisas: ira, indignação, maldade, maledicência e linguagem indecente no seu falar” (Cl 3.8, NVI).

É a mesma arte de rejeitar o que se faz debaixo do pano: “Deixemos, pois, de lado as obras das trevas, e revistamo-nos das armas da luz” (Rm 13.12).

A arte de jogar fora as coisas abomináveis que agradam os olhos — que os judeus não fizeram e que muitos de nós ainda não fazemos — é um exercício muito difícil por causa da pecaminosidade latente do homem, constantemente enriquecida pelo “curso deste mundo” (Ef 2.2) e pelos “dominadores deste mundo tenebroso” (Ef 6.12).

Todavia não há substitutos para a arte de jogar fora as coisas abomináveis que agradam os olhos. O cristianismo não é só música, não é só louvor, não é só festa, não é só oração e jejum, não é só comunhão entre os irmãos, não é só cura, não é só falar em línguas, não é só doutrina, não é só ortodoxia, não é só esperança,

não é só alegria, não é só cidade de refúgio, aquela que abrigava com segurança os culpados de algum acidente que provocou a morte de alguém (Nm 35.9-15). Cristianismo é cruz, é renúncia, é disciplina, é caráter, é arrependimento, é conversão, é morte diária, é clamor, é humilhação, é uma eterna vigilância.

Os velhos e os novos crentes — estes mais numerosos que aqueles — precisam saber dessas coisas. Sobre tudo agora, quando a igreja brasileira está crescendo como nunca.

Se não ensinar aos novos crentes a arte de jogar fora as coisas abomináveis que agradam os olhos — e despertam a ira de Deus —, a liderança evangélica brasileira vai distorcer por completo o verdadeiro cristianismo.

O clamor do profeta ainda é atual: “Cada um lance de si as abominações de que se agradam os seus olhos, e não vos contamineis com os ídolos do Egito” (Ez 20.7). Ou com os ídolos do mundo contemporâneo, pois lixo é sempre lixo.

28.

DE ROMANOS SETE PARA ROMANOS OITO

Não há exagero da parte de Paulo quando ele descreve a força da pecaminosidade latente no famoso capítulo sete da Epístola aos Romanos. A história do pecado confirma todos os dados fornecidos pelo apóstolo. A situação é tão dramática que Paulo dá um grito de desespero: “Que situação terrível, esta em que eu estou! Quem é que me livrará da minha escravidão a essa mortífera natureza inferior?” (Rm 7.24, BV).

Em seguida, ele dá graças a Deus por Jesus Cristo, que o libertou da tal mortífera natureza inferior, da tal disposição natural para praticar o mal, do tal arrastão pecaminoso, da tal parte maldita do homem, do tal cérebro maligno, do tal espírito porco, do tal lixo atômico de que a cabeça está cheia, dos tais impulsos negativos da espécie humana e da tal lei do pecado e da morte.

O capítulo seguinte é de tranqüilidade, de paz de espírito, de poder sobre a carne e de vitória sobre o pecado. O tom muda abruptamente. A tendência pecaminosa não acaba (só vai acabar com a morte ou com a súbita transformação dos vivos, por ocasião da *parusia*), mas é vencida por outra lei, por outra força, que se aloja dentro de nós e oferece uma resistência à altura das imposições da carne. É um dos benefícios da nossa união com Cristo. Ao invés de escravos, agora somos filhos. Não apenas filhos, mas também herdeiros, “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (8.17). Além de fornecer poder para superarmos qualquer apetite pecaminoso, o Espírito completa a nossa própria oração, intercedendo a Deus por nós “com gemidos inexprimíveis” (8.26). Por essa razão não somos apenas vencedores, todavia “mais que vencedores” (8.37). E nossa segurança emocional em Cristo é enorme: nada pode nos separar do amor de Deus, “nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação” (8.38-39, NVI).

Não temos a menor obrigação de permanecer em Romanos sete. Não há quem não tenha a experiência de Romanos sete. Não há nem um sequer (Sl 14.3). É preciso sair de lá e nos transportar para Romanos oito. Existe uma porta entre o massacre de Romanos sete e a vitória de Romanos oito. Essa porta é Cristo. Por meio dele, passamos de uma para outra esfera de vida, uma vida de liberdade, de alegria, de segurança.

Se estamos em Romanos sete ainda somos carnais e escravos de paixões infames. Se estamos em Romanos oito somos espirituais e servos de Deus. Se ainda estamos

em Romanos sete, temos nossas mentes controladas pela natureza humana. Se já passamos para Romanos oito, temos nossas mentes controladas pelo Espírito.

O grande problema da igreja em Corinto deve nos preocupar. O que aconteceu lá é que pelo menos a maioria dos irmãos nunca saiu de Romanos sete. Eles eram crianças em Cristo e carnais a vida inteira. Se estivessem em Romanos oito, não haveria o escândalo daquele homem que possuiu a mulher do próprio pai (1 Co 5.1) nem muitas outras questões bem desagradáveis.

Todos que são beneficiados pelo que faço, fiquem certos que sou contra a venda ou troca de todo material disponibilizado por mim. Infelizmente depois de postar o material na Internet não tenho o poder de evitar que “*alguns aproveitadores*” tirem vantagem do meu trabalho que é feito sem fins lucrativos e unicamente para edificação do povo de Deus. Criticas e agradecimentos para: mazinhorodrigues@yahoo.com.br

Att: Mazinho Rodrigues.

29.

DO SALMO DOIS PARA ISAÍAS DOIS

O avanço não é só de Romanos sete para Romanos oito. É também do Salmo dois para Isaías dois. Não é só no indivíduo. É também na coletividade.

No Salmo dois os reis da terra se levantam e conspiram contra o Senhor e contra o seu Escolhido. Têm um propósito só: acabar por completo e em definitivo com a dependência de Deus. “Rompamos os seus laços”, dizem em unísono, “e sacudamos de nós as suas algemas” (Sl 2.3).

Em Isaías dois, o quadro é totalmente diverso. As nações se reúnem e se dirigem ao monte do Senhor para que Ele as ensine os seus caminhos. Estão todos finalmente dispostos a se submeter a Deus. Os povos são por Ele corrigidos e, como conseqüência, todos convertem “as suas espadas em relhas de arados, e as suas lanças em podadeiras” (Is 2.4).

Talvez não se saiba como nem quando Deus vai mudar a sorte deste sofrido planeta. Porém, isto não é suficiente para abalar a esperança de novos Céus e nova Terra. É uma questão de fé. De uma fé firmada em textos bíblicos conclusivos e também no argumento de que Deus não é vencido pelo mal.

Essa fé, todavia, não nos deixa de braços cruzados, sempre à espera de alguma ação nova da parte de Deus. Desde que fomos tocados por sua graça, Ele nos fez suas testemunhas e instrumentos de suas mãos.

As Escrituras Sagradas nos transmitem a idéia de que há um rio cujas águas ribanceiras se alargam cada vez mais, cujo volume de água é cada vez maior e cuja correnteza cresce à medida que se aproxima do mar. Uma das passagens explica: “A vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4.18). Outra declara que “a terra se encherá da glória do Senhor como as águas cobrem o mar” (Is 11.9). O servo do Senhor é aquele que “não deixará de brilhar e ficar firme até que a justiça e a verdade sejam cumpridas em toda a terra, até que os povos mais distantes além dos mares confiem nele” (Is 42.4, BV). O alvo que se persegue é tornar notório e aceitável, “até ao nascente do sol e até o poente”, que só o Senhor é Deus e além dele não há outro” (Is 45.6).

É exatamente esse clímax, esse apogeu, esse ápice, essa culminância que os cristãos de todos os tempos e de todos os matizes estão, em plena consciência ou não, pedindo ao Pai, por inspiração e ordem do próprio Escolhido: “Venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Desde a encarnação do Verbo até hoje nenhuma súplica tem sido tão repetida quanto esta e as demais que se

encontram na Oração do Pai Nosso. Não é de admirar que haja resposta para ela, mesmo demorada. O Apocalipse antecipa a notícia de que “o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11.15).

Sete séculos antes do nascimento de Jesus, o profeta Isaías declarou que o governo de tudo e de todos está sobre os ombros do Filho de Deus: “O seu nome será Conselheiro, maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz, para que se multiplique o domínio, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o e consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça” (Is 9.5-6, BJ).

Enquanto o governo de Jesus não se estender por todos os povos e por todos os poderes, a glória do Senhor em sua plenitude não virá. Ele reina e está colocando todos os inimigos — inclusive a morte — debaixo de seus pés (Sl 110.1; 1 Co 15.25). Embora coroadado de glória e de honra, “agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a Ele sujeitas” (Hb 2.8-9). Enquanto a plenitude não vem, importa submeter cada vez mais a nossa vontade à vontade dele, importa proclamar aos outros sua autoridade e glória, e quebrar toda a ignorância, toda a indiferença, todas as recusas e todas as resistências. Não numa só direção, nem para uma só nação, mas para todas as etnias e em todos os lugares, pois Ele só virá quando for “pregado este evangelho do reino por todo o mundo” (Mt 24.14).

O oráculo que aparece em Isaías Dois, aparece também em Miquéias (4.1-3). Até as palavras usadas são praticamente as mesmas. Mas Isaías foi anterior a Miquéias. Daí a suposição de que o profeta menor teria se valido do profeta maior. Todavia, como o texto de Miquéias é mais extenso do que o de Isaías, passa-se a

supor o contrário. Muito provavelmente, porém, os dois oráculos são independentes.

O texto é de uma beleza sem igual. A começar com a informação de que nos últimos dias “o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes” (Is 2.2). Aquela pequena elevação sobre a qual estava edificada a casa do Senhor será o monte sobre os montes, o monte dos montes. A idéia é de proeminência — a proeminência do monte do Senhor. Para lá afluirão todos os povos, como os rios correm para o mar. O ponto de convergência é o monte do Senhor. As nações não estão atrás de chuva nem de pão nem de milagres. Elas estão sedentas de Deus e querem aprender (“para que nos ensine os seus caminhos”) e querem viver (para que “andemos pelas suas veredas”) o que sai da boca do Senhor.

O texto torna-se ainda mais significativo se este monte da casa do Senhor for o monte Moriá, de acordo com o Segundo Livro de Crônicas (3.1), onde Abraão quase imolou o seu próprio filho, na última hora substituído por um carneiro (Gn 22.2). A figura introduz a pessoa de Jesus Cristo e o seu sacrifício.

O contraste com o Salmo dois é enorme. Só há uma semelhança entre as duas passagens: tanto no Salmo dois como em Isaías dois existe uma coligação de nações. Mas, na primeira, elas estão unidas para se rebelar contra Deus, e, na segunda, elas estão unidas para se submeter a Deus. O Salmo dois ficou para trás. O que prevalece é Isaías dois!

30.

PLENITUDE DO ESPÍRITO

Ser ou estar cheio do Espírito Santo não é tão complicado nem tão difícil quanto erradamente se pensa. Pode até acontecer que alguém esteja cheio do Espírito, sem ter ciência ou certeza desse fato. O inverso também acontece: alguém pode se achar cheio do Espírito e, na verdade, não estar.

É preciso acabar com a timidez e com certas idéias errôneas. Porque em Jerusalém, na descida histórica e inaugural do Espírito (At 2.4), e em outras ocasiões, em Cesaréia (At 10.46) e em Éfeso (At 19.6), houve o fenômeno das línguas, alguns entendem que a prova da presença e da plenitude do Espírito tem de envolver obrigatoriamente o falar em línguas. Não é necessário fazer cavalo de batalha com os que falam em línguas dentro das prescrições do apóstolo Paulo (1 Co 14.1-40).

Todavia, a prova da plenitude do Espírito Santo mais convincente é a presença real do fruto do Espírito no crente: “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio” (Gl 5.22, NVI).

Nenhuma vez se diz que os coríntios eram cheios do Espírito, embora houvesse entre eles o dom de línguas. Paulo não hesita em dizer que os coríntios eram santuários de Deus (1 Co 3.16) e do Espírito Santo (1 Co 6.19), tanto quanto ele próprio (2 Co 6.16). Eles tinham o Espírito, mas não eram nem estavam cheios do Espírito, pois conviviam com a carne e praticavam algumas das coisas que procedem da natureza humana: “imoralidade sexual, impureza e lascívia, idolatria e feitiçaria, ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e coisas semelhantes” (Gl 5.19-21, NVI). Não há juízo temerário quando se põe em dúvida a autenticidade de certos fenômenos pentecostais se eles estiverem desacompanhados do fruto do Espírito e cercados das obras da carne. Pois, como observa Paulo, “os que vivem como a natureza humana quer têm as suas mentes controladas por ela”; em contrapartida, “os que vivem como o Espírito de Deus quer têm as suas mentes controladas pelo Espírito” (Rm 8.5, BLH).

Existem quatro mandamentos relacionados com a pessoa do Espírito Santo. Dois na forma negativa: “*Não entristeçais o Espírito de Deus*, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4.30) e “*Não apagueis o Espírito*” (1 Ts 5.19), também traduzido por “Não atrapalhem a ação do Espírito” (BLH). Dois na forma positiva: “*Andai no Espírito*, e jamais satisfareis à concupiscência da carne” (Gl 5.16), também traduzido por “Vivam pelo Espírito” (NVI) ou “Deixem que o Espírito de Deus dirija as suas vidas” (BLH), e “*Enchei-vos do Espírito*” (Ef 5.18).

Ninguém pode ser cheio do Espírito se já estiver cheio de si mesmo e das obras da carne. A convicção de que a carne e o Espírito são opostos entre si é de suma

importância e deve guiar o comportamento daquele que já se dispôs a amarrar a si mesmo para o pecado.

A plenitude do Espírito não está relacionada apenas com a questão de conduta. Diz respeito também ao poder especial, outorgado por Deus, para orar, para pregar, para realizar com sucesso o ministério para o qual foi chamado e capacitado. Isso Jesus deixou bem claro, pouco antes de se elevar às alturas e desaparecer acima das nuvens, aos olhos dos discípulos: “Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês; e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a região da Judéia e Samaria e até nos lugares mais distantes da terra” (At 1.8, BLH). Uma tarefa tão delicada (dar testemunho de Jesus) e tão ampla (no mundo inteiro) só poderá ser cumprida com o poder que emana do Espírito.

31.

VULNERABILIDADE

Ninguém pode nem deve julgar-se invulnerável ou apresentar-se como tal. Se o fizer, estará dando o primeiro passo para o fracasso. Quem se conhece por dentro sabe que não é assim. A experiência de Pedro o comprova.

Pedro seguro demais

Pedro diz a Jesus: “Eu nunca abandonarei o Senhor, mesmo que os outros façam isso” e “Eu nunca vou dizer que não o conheço, mesmo que seja preciso morrer com o Senhor” (Mt 26.33 e 35, BLH). A segurança demasiada é perigosíssima e sempre antecede a queda. Ninguém, em tempo algum, pode cortar o cordão umbilical que o liga a Deus. Paulo descobre que o segredo da fidelidade e do sucesso é o sentimento de fraqueza e vulnerabilidade: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Co 12.10). O fraco recorre a Deus e o forte acha que dá conta de tudo sozinho.

Pedro simples demais

Pedro não se lembra da diferença enorme que há entre Cenáculo e Getsêmani, entre o êxtase religioso e a fúria da carne, entre o céu e a terra, entre o monte da transfiguração e o vale da humilhação, entre a hora da devoção e a hora do *rush*, entre o dia bom e o dia mau, entre Natal e Finados, entre o berço do recém-nascido e o caixão de defunto, entre a rede de balançar e a mesa de quimioterapia, entre o domingo e a segunda-feira. Em alguns lugares, em alguns horários e em algumas circunstâncias é muito fácil fazer votos e prometer mundos e fundos.

Pedro covarde demais

Embora tenha arrancado a espada da bainha, embora tenha cortado a orelha de Malco, embora tenha seguido Jesus até a casa do sumo-sacerdote, Pedro logo vai perdendo a coragem. As promessas de nunca abandonar o Senhor são esquecidas. A disposição de morrer com Jesus acaba por completo. Então ele diz à primeira criada: “Eu não sei o que você está dizendo”. Depois diz à outra criada: “Juro que não conheço aquele homem!”. E por fim repete aos circunstantes: “Juro que não conheço esse homem! Que Deus me castigue se não estou dizendo a verdade” (Mt 26.69-75, BLH).

Pedro triste demais

Após a tríplice negação o galo canta. Ninguém ouve, ninguém liga, senão Pedro. E Jesus também. Os dois se lembram do cenáculo, do ambiente, do programa ali desenvolvido, dos avisos, das promessas e do hino que

cantaram antes de ir para o Getsêmani (Mc 14.26). Os dois se olham. A pressão dos ouvidos (o canto do galo) e a pressão dos olhos (o olhar de Jesus) fazem Pedro estremecer. Ele se retira da casa do sumo-sacerdote e desata a chorar. Chora amargamente. Não é a primeira vez que alguém chora por causa do pecado, por causa do fracasso. Certa vez, Davi encheu o seu quarto de lágrimas (Sl 6.6). E as tribos de Israel choraram a tragédia inicialmente provocada pelos homens de Gibeá (Jz 20.26).

Pedro apaixonado demais

Depois da morte, depois da ressurreição, depois das primeiras aparições, Jesus aparece outra vez aos seus discípulos, desta feita junto ao mar de Tiberíades, no mesmo cenário, onde, três anos antes, ele havia chamado Pedro e André, Tiago e João para serem pescadores de homens e não mais de peixes. Depois da pesca maravilhosa, depois do churrasco de peixe com pão, Jesus quebra o silêncio e dirige uma pergunta exclusiva a Pedro: “Simão, você me ama mais do que estes outros me amam?”. O apóstolo diz que sim, mas toma o cuidado para não repetir: “Eu te amo mais que os outros”. Jesus volta à pergunta outras duas vezes e Pedro volta à mesma resposta outras duas vezes: “O Senhor sabe que eu te amo”. Após cada declaração de amor, Jesus ordena a Pedro: “Toma conta das minhas ovelhas”.

Quando o encontro na praia ao clarear do sol acaba, Pedro percebe que foi misericordiosa e sabiamente restaurado pelo Senhor (Jo 21.15-19).

32.

SÓ UMA COISA DÁ CERTO

O ato de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal não deu certo. A poligamia não deu certo. A Torre de Babel não deu certo. A negação da existência de Deus não deu certo. A rebelião contra Deus não deu certo. A idolatria não deu certo.

As cruzadas não deram certo. A conversão à força não deu certo. O batismo sem arrependimento e sem fé não deu certo. As alianças da igreja com o poder temporal não deram certo. A intolerância religiosa não deu certo. A inquisição não deu certo. O latim litúrgico não deu certo.

O colonialismo não deu certo. A escravatura não deu certo. O nazismo não deu certo. A corrida armamentista não deu certo. A Guerra do Vietnã não deu certo. As ditaduras militares não deram certo. O *apartheid* não deu certo. O Muro de Berlim não deu certo. O comunismo não deu certo. A invasão do Kuwait não deu certo. A Guerra do Golfo não deu certo. O poderio atômico não deu certo.

O secularismo não deu certo. O liberalismo teológico não deu certo. O fundamentalismo religioso não deu certo. A liberação do sexo não deu certo. A Teologia da Libertação exclusivamente social não deu certo. Os anúncios do fim do mundo não deram certo. As previsões com data marcada da volta de Jesus não deram certo.

O fanatismo religioso não tem dado certo. A soberba humana não tem dado certo. A concentração da riqueza não tem dado certo. A violência não tem dado certo. A injustiça social não tem dado certo. O homossexualismo não tem dado certo. A poluição ambiental não tem dado certo. A medida de só usar preservativos não está dando certo. A corrupção não está dando certo.

No final das contas, só há uma coisa que dá certo. Em todos os tempos. Em todos os lugares. Em todas as circunstâncias. Para o homem e para a mulher. Para o pobre e o rico. Para o analfabeto e para o douto. Agora e depois de todas as avaliações. A única coisa que dá certo foi solenemente anunciada por Jesus Cristo no final do Sermão do Monte: “Quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como o homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa e ela não caiu, porque tinha seus alicerces na rocha” (Mt 7.24-25, NVI).

As palavras de Jesus só têm valor prático se forem perseverantemente vivenciadas. Daí a exortação do mais franco de todos os escritores do Novo Testamento: “Não sejam apenas ouvintes dessa palavra, mas ponham em prática o que ela manda” (Tg 1.22, BLH).

EPÍLOGO

Antes de amarrar Satanás, amarre os seus pés. São eles que o levam para o conselho dos ímpios, para o caminho dos pecadores e para a roda dos escarnecedores (Sl 1.1). Retire o seu pé do mal, da casa da mulher adúltera, do caminho largo, do altar de ídolos, da multidão dos que não servem a Deus (Pv 4.26-27).

Antes de amarrar Satanás, amarre os seus joelhos, para eles não se dobrarem diante do tentador (Lc 4.7), diante de Baal (1 Rs 19.18) e diante das riquezas (Mt 6.24).

Antes de amarrar Satanás, amarre as suas mãos. Se elas o fazem tropeçar, corte-as. Pois “é melhor entrar na vida eterna sem mão ou sem pé do que ficar com eles e ser jogado no fogo eterno” (Mt 18.8, BLH). As mãos precisam ser santas (1 Tm 2.8) e precisam estar agarradas ao arado, “pois quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino de Deus” (Lc 9.62).

Antes de amarrar Satanás, amarre o seu coração. Ele não pode amar outro cônjuge além do seu, outro deus além de Deus. Ele não pode amar o mundo nem o que há no mundo (1 Jo 2.15).

Antes de amarrar Satanás, amarre a sua língua. Ela é um mal incontrolável, cheio de veneno mortífero. Ela contamina a pessoa por inteiro, incendeia todo o curso de uma vida (Tg 3.1-12).

Antes de amarrar Satanás, amarre os seus ouvidos. Eles não podem ouvir blasfêmias, irreverências, mentiras, candongas nem pornochanchada.

Antes de amarrar Satanás, amarre os seus olhos. Se os seus olhos forem maus, o seu corpo todo ficará na escuridão. Olhos altivos, olhos de cobiça, olhos cheios de adultério, olhos que nunca olham para cima — precisam ser amarrados dia após dia.

Antes de amarrar Satanás, amarre a sua mente. Ela precisa ficar cativa a Cristo. Você não tem o direito de pensar a seu gosto. Você só pode pensar naquilo que é verdadeiro, nobre, correto, puro, amável e de boa fama.

Antes de amarrar Satanás, amarre o seu gênio. Se você não suporta um revés, uma ofensa, uma crítica, uma dor — você é incapaz de viver neste mundo. Você não pode pedir fogo do céu para consumir os que não batem palmas para você.

Antes de amarrar Satanás, amarre a sua vaidade pessoal. A soberba é um pecado latente que precisa ser dominado. É um pecado perigoso. A desgraça está um passo depois do orgulho e logo depois da vaidade vem a queda. O problema é grave demais.

Antes de amarrar Satanás, amarre a sua incredulidade. Ela é um entrave enorme e uma ofensa contra Deus, pois sem fé é impossível agradá-lo. Você não pode raciocinar corretamente se não incluir os recursos da fé na revelação e nas promessas de Deus.

Antes de amarrar Satanás, amarre a sua preguiça. A preguiça faz cair em profundo sono e inventa mil desculpas para você não se mover. Cuidado com a preguiça mental que não o deixa ler e estudar a Palavra de Deus. Cuidado com a fé sem obras.

Antes de amarrar Satanás, amarre a sua timidez. O exército de Deus não recruta soldados tímidos. Eles não estão aptos para a guerra e ainda contaminam os outros guerreiros. Ouça a pergunta de Jesus: “Por que você está com tanto medo, homem de pequena fé?”

Antes de amarrar Satanás, amarre o seu “eu”. Você não governa mais a sua vida. Você foi crucificado com Cristo. Assim já não é você quem vive, mas Cristo vive em você. Você não tem direitos. Convém que Jesus cresça e que você diminua.

Antes de amarrar Satanás, amarre o pecado que habita em você. Deixe à míngua o apetite da pecaminosidade latente. Castigue o seu corpo e faça dele o seu escravo. Ofereça-o em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.

Depois de tudo amarrado, sinta-se à vontade para amarrar Satanás, no sentido de resistir às suas artimanhas e às suas investidas periódicas. Faça isso com a autoridade de quem já se amarrou primeiro. Sempre em nome de Jesus!